

de que desenvolvimento se trata?

**desenvolvimento:
compromisso de fé**

**as grandes aspirações
do homem**

**não basta o
desenvolvimento
econômico**

**os jovens
os trabalhadores
o meio ambiente
a mulher
a urbanização**

**o respeito
aos direitos
humanos**

**paulo vi fala aos
brasileiros**

**dever do cristão
atuação na educação
e na política**

igualdade e participação

o homem - centro do desenvolvimento

fato 5 e razão



recado ao leitor

Abrimos este número de FATO recordando os direitos da criança, solenemente proclamados pela ONU.

E tão esquecidos pelos que o assinaram. . .

Pedimos, então, ao Ziraldo que exprimisse o espírito dessa proclamação, do modo que só ele saberia fazer.

E ele o fez. Um belo cartum especial para FATO.

E que acrescenta um valor novo à sua revista, caro leitor.

Aliás, você esteve sempre presente nas preocupações da equipe de produção deste número.

A seleção da matéria reflete a intenção — bem ou mal sucedida, ainda não o sabemos — de responder ao que você espera de FATO.

Como verá, cresceu a equipe de colaboradores, com artigos especiais para a revista.

Aumentamos o número de roteiros para reuniões, a pedido de tantos que já se habituaram a utilizá-los.

Experimentamos, ainda, reproduzir alguma matéria já publicada em livro ou na imprensa, por nos parecer útil divulgá-la entre nossos leitores.

O resultado está agora em suas mãos.

Resta-nos aguardar, ansiosos como sempre, a sua crítica indispensável.

Para que o próximo número seja melhor.

S. & H.A.

FATO

e Razão

Movimento Familiar Cristão

Redação deste número

Beatriz Reis

Helio Amorim

Técnica

IBRAF — Instituto Brasileiro da Família

Diagramação

Cristina de Amorim Gonçalves

Assessoria

Moreira Bernardo

Coordenação de Editoria e Distribuição

ENFOR — Secretariado Nacional de Formação — MFC

Des. Saul Gusmão, 80 - ZC-18 - Rio

Assessoria

ADIN — Conselho Diretor Nacional

Amorim e Elmira Santos

Amorim e Sonia Bastos

Amorim e Maryvan Rossi

Amorim e Elizabeth Orofino

Assessoria Gráfica

Amorim Publicidade

Pres. Vargas, 590 - s/2106 - Rio

SUMÁRIO

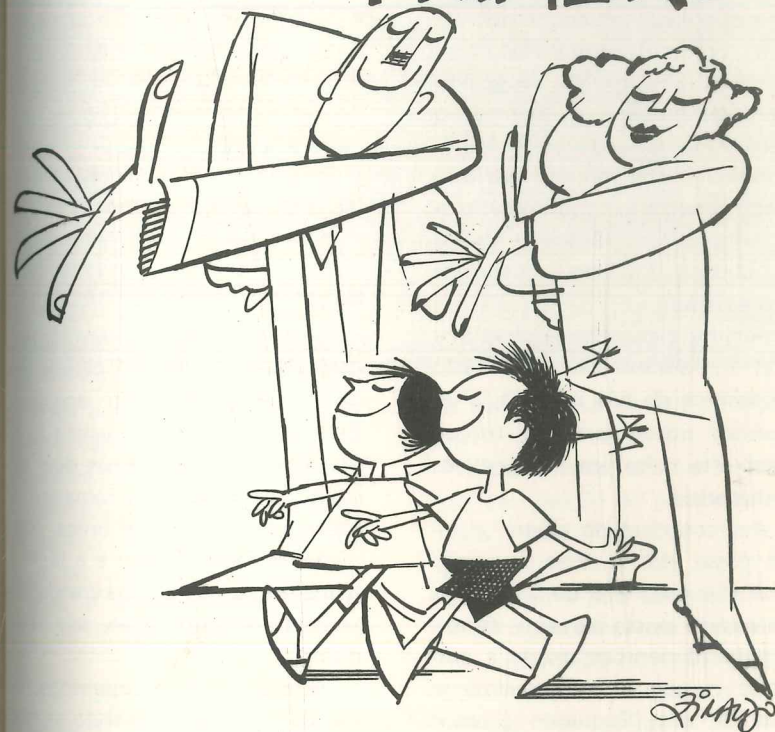
declaração dos direitos da criança . .	2
sobre o amor	4
um pouco de ternura	8
Guido e Isolda	14
"rango" — edgar vasques	17
divórcio, mula sem cabeça e outros bichos.	18
o programa dentro de alguns séculos	23
as estruturas caem	24
vossa libertação está próxima.	30
controle e alienação	32
o prazer de estar juntos.	36
desenvolvimento e fé	42
democracia e desenvolvimento	46
o mundo do trabalho	48
fecundidade responsável	52
família e juventude	54
roteiro para reuniões e debates.	57
deve haver uma resposta	58
será que pode ser diferente	59
quem sou eu.	62
dou-lhe a minha palavra	63
ser fiel é.	65
igualdade na diversidade	67
até que a morte nos separe	69
justiça e trabalho para todos	71
escreve o leitor	72

"Visto que a criança, em decorrência da sua imaturidade física e mental, precisa de proteção e cuidados especiais, inclusive legais apropriada, antes e depois do nascimento; Visto que a humanidade deve à criança o melhor de seus esforços; A Assembléia Geral das Nações Unidas proclama

declaração dos direitos da criança

- "Todas as crianças, sem exceção, farão jus a tais direitos, sem qualquer distinção ou discriminação, em relação à criança em si ou à sua família.
- A criança desfrutará de proteção especial.
- À criança serão dadas oportunidades e facilidades que lhe permitam desenvolver-se fisicamente, desenvolver-se mentalmente, desenvolver-se socialmente, desenvolver-se espiritualmente, desenvolver-se moralmente, de maneira normal e sadia, em liberdade e com dignidade.
- A criança gozará dos benefícios da segurança social, terá direito, ao nascer, a um nome e a uma nacionalidade, terá direito de crescer e desenvolver-se em perfeita saúde.
- Proteção e cuidados especiais serão estendidos à criança e sua mãe.
- A criança terá direito a uma recreação adequada, terá direito a condições adequadas de moradia, terá direito a uma alimentação adequada, terá direito a amor e compreensão, terá direito a uma educação que lhe confira uma cultura geral, terá direito de desenvolver suas aptidões numa base de igualdade de oportunidades, terá direito de desenvolver seus critérios individuais, terá direito de desenvolver seu senso de moral e responsabilidade social, terá direito de tornar-se um membro útil à sociedade.
- A criança terá direito a cuidados antes e depois do seu nascimento, terá direito de estar entre os primeiros a receber proteção e ajuda, terá direito de receber educação grátis e obrigatória, terá direito a ser protegida contra qualquer tipo de negligência.
- A criança deverá ser criada dentro de um espírito de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e fraternidade universal, consciente de que deve dedicar suas energias e aptidões em favor de seus semelhantes.

CRIANÇAS, PRIMEIRO



sobre o amor...

Roger Garandy

O que há de maravilhoso na Encarnação é que Deus, cessando de ser, como entre os gregos, totalidade abstrata do "Bem", ou "motor imóvel" do Universo, se faz homem, pode ser amado como um ser humano, e, mesmo, só pode ser amado como um ser humano. Todo homem, toda mulher, por este amor, nos convida a franquear nossos limites, a encontrar unicamente no outro o que nos falta para existirmos mais plenamente.

O amor nos diz a mesma coisa que a morte. . . Somos convidados pelo amor a sairmos de nós mesmos, a ultrapassarmos nossas próprias forças, a darmos esta coisa em nós que nós não conhecemos.

Ele é o contrário do ciúme, corolário da posse, do ter. Essa possessão ciumenta é o contrário do amor pois tende a reduzir nosso parceiro, às nossas próprias dimensões; tende a destruir nele o que é irredutivelmente diferente de nós. Enquanto o amor é abertura ao outro, aposta sobre as suas possibilidades, sem fim de metamorfose e de criação. "Amo-te tal como és". É assim que a mística Ângela de Foligno ouvia o apelo do

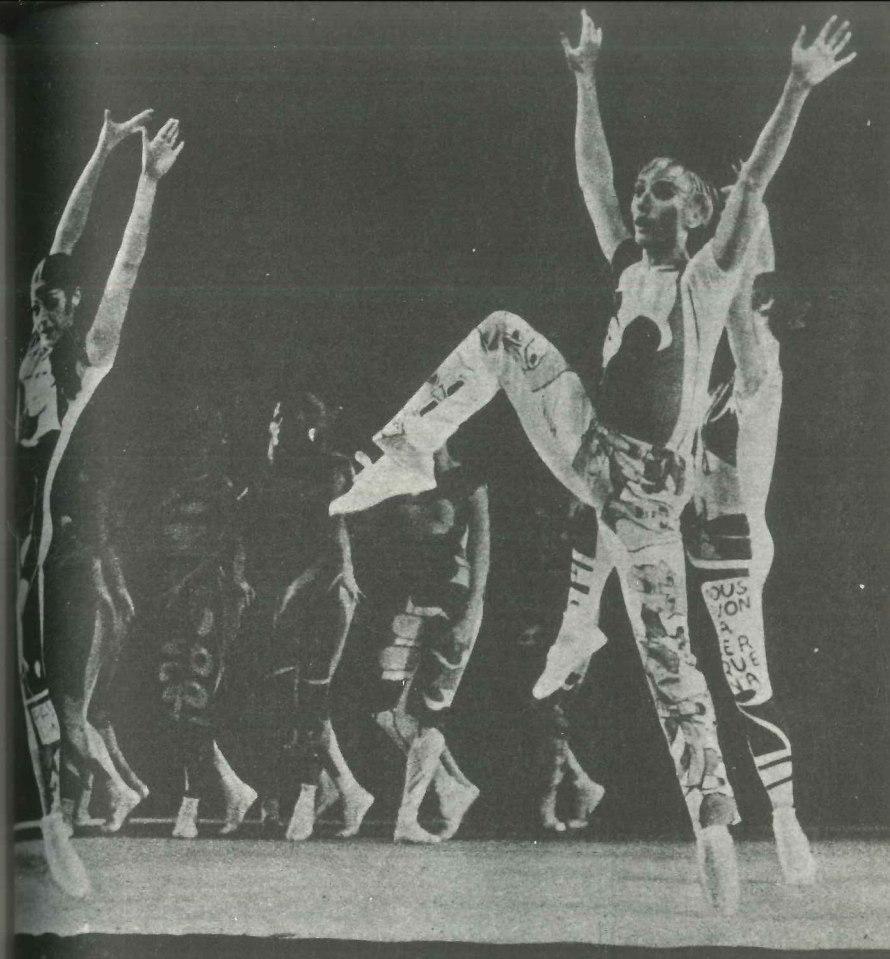
Cristo. Somente assim, reconhecendo ao outro seu espaço de liberdade e de mistério, querendo que ele desabroche segundo sua própria lei, pode o amor ser fecundação recíproca e não empobrecimento.

Amar um homem ou uma mulher é descobrir uma dimensão nova da vida, um novo e imprevisível futuro.

O AMOR É COMO A PRECE.

O amor, como a prece, é para ser despertado, preparado para a oferenda, como aberto ao acolhimento. Este amor total não separa o corpo e a alma que são apenas duas abstrações, dois ângulos de tomada de vista sobre uma realidade única. Não há distinção entre o amor e a fé: há duas maneiras de traí-lo, seja crendo somente na terra e no corpo, seja desertando-os.

A instituição do casamento, feudal, ou burguês, subordinando as relações sexuais a outras normas que não as do amor, notadamente as do sangue, do poder, do dinheiro ou da opinião, contribuiu bastante para a decadência do amor. É por isso que a família, tal



mo ainda hoje é concebida, é uma maneira fracassada de regularizar as relações entre os sexos.

A juventude experimenta doravante outras formas do relacionamento humano e do relacionamento sexual. Os erros e seus malogros são feitos, do mesmo modo que seus sucessos.

É muito cedo para fazer o balanço desta mutação. Mas já se esboçam algumas linhas de força do porvir nascente.

De início, a recusa da velha perversão dualista do cristianismo, segundo a qual as relações sexuais estão poluídas

de alguma decadência e de alguma noção.

Verdade que, em sua legítima reação de rejeição de preconceitos milenares, nossa juventude, neste último quartel do século XX, recria um dualismo inverso pela separação do corpo. Amor "platônico" ou sexualidade como passatempo ou como esporte são duas maneiras de quebrar a unidade humana, de ignorar a plenitude do amor.

Seria uma grande ilusão acreditar que é suficiente rejeitar a "sexualidade de papai", com seus tabus, para reencontrar a pureza da natureza.

Não podemos praticar o amor como o homem de Cro-Magnon, pois o sexo, como todos os nossos sentidos, como o nosso olho ou o nosso ouvido, está habituado por toda uma história: a sexualidade, como a vista ou como o ouvido, não é um fato de natureza, mas o produto de uma cultura. Mesmo uma anticultura carrega o empréstimo de sua época: negar a cultura existente, tomar o seu contrário ainda é definir-se em relação a ela. No caso particular do amor, repudiar os velhos espiritualismos desdentados é uma reação salutar, mas recair no positivismo lastimável de nossos "sexólogos", ou no culto hippie de uma mística "idade de ouro" é ainda um fenômeno de época.

AS MARCAS DO DUALISMO.

Até estes últimos anos, o cristianismo tradicional, arcaico, não ajudou a clarear o problema: em primeiro lugar, porque, substituindo a saudável totalidade bíblica do homem pelo dualismo grego, ele facilmente confundiu a experiência cristã da totalidade com as hierarquias feudais ou burguesas da matéria e do espírito, do corpo e da alma. Afirmando, em seguida, que a união dos sexos é boa apenas em vista da reprodução, reduziu-a paradoxalmente à sua única dimensão zoológica, em vez de ver também nas relações sexuais do homem e da mulher a celebração do mais profundo relacionamento humano: a da partilha do ser, isto é, da consciência de não existir plenamente senão no diálogo com o outro, na acolhida à interpelação do outro, quando nosso centro de gravidade se situa fora de nós, no ato do amor, indivisivelmente físico e "espiritual" (dois termos que só podemos

separar pela abstração). Não é uma linguagem adiante das palavras, mas, ao contrário, uma linguagem em consequência das palavras, como a poesia, a música, as artes em geral, quando não nos podemos expressar apenas com uma parte do corpo: a boca, a linguagem dos símbolos abstratos, porém com o corpo inteiro, como na dança, com o corpo inteiro pela carícia, pelo sexo e pela vibração total da voz.

A "moral" tornou-se assim repressiva para integrar o indivíduo num sistema social e num sistema de pensamento e de valores. Desde que o amor deixa de ser reconhecido como a relação fundamental com o outro, parece subversivo — e é efetivamente subversivo — pois faz explodir a laboriosa construção de uma ordem na qual todo indivíduo é considerado isoladamente, como um átomo, depois utilizado como um elemento de uma totalidade, como um tijolo de um edifício em que o arquiteto recusa naturalmente, como a todo objeto, o que denominamos seu espaço de liberdade e de mistério. O amor é o contrário, ao mesmo tempo, do individualismo e do totalitarismo, que são apenas os dois polos da opressão.

A ACEITAÇÃO DA LIBERDADE DO OUTRO

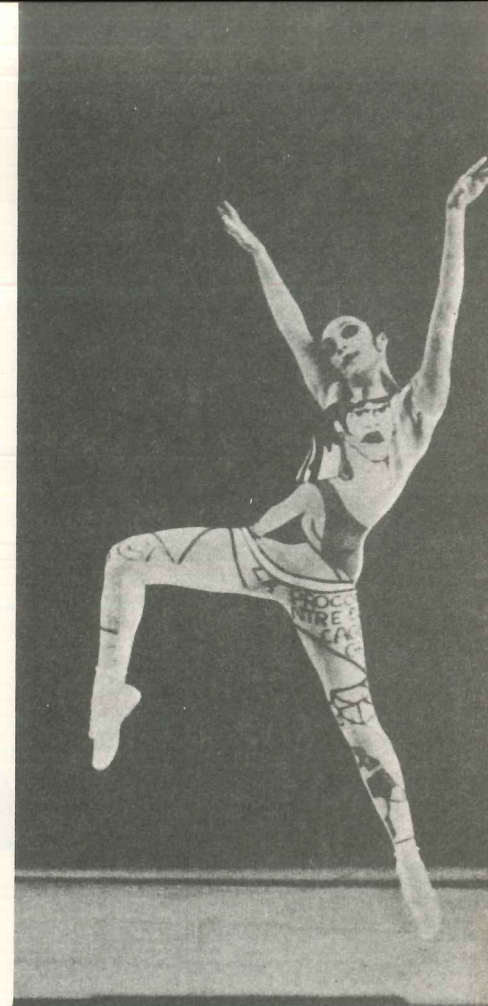
O amor começa quando preferimos o outro a nós mesmos, quando aceitamos a diferença e a sua imprescritível liberdade. Aceitar que o outro seja habitado por outras presenças que não a nossa, não ter a pretensão de responder a todas as suas necessidades, a todas as suas esperanças, não é resignar-se à infidelidade em relação a nós. É querer, como a mais alta prova de

que o outro, seja primeiramente a si mesmo. Mesmo se isso é sofrimento para nós, é um sofrimento febril porque nos obriga a nos desarmarmos de nós mesmos, a viver inatamente esse desapossamento enriquecedor: no mais amoroso abraço, é ser livre que abraçamos, com todos os possíveis, inclusive os que nos escapam. Ser capaz de acolher no outro aquilo mesmo que desperta o animal, que é sinal de amor próprio e não de amor. Esta comunicação é cheia de riscos, porém, as crises dela engendra, quando são sobrepujadas, são a condição de uma dupla ultrapassagem.

Nada é maior que essa partilha da verdadeira personalidade de cada um. O outro interpela-nos, seja chocando conosco, e mesmo se o choque nos quebranta; ele nos força a renunciar ao nosso encerramento possessivo, a nos tornarmos outro pela revelação do outro.

Um amor que não seja essa criação continuada de um pelo outro mesmo ao preço dos dilaceramentos trágicos, é o contrário do amor. Ninguém é digno de amor se não for capaz de conquistar numa batalha cotidiana, contra os ciúmes esterilizantes, traduzidos pela queimadura do sexo, pelo desaparecimento da ausência, pelas feridas da dúvida, pela dúvida sobre a significação última de nosso empenho. Quem estiver preparado para enfrentar isso não é digno do amor. Quanto muito será um funcionário do sexo, um burocrata que contabiliza os prazeres porque não tem a força de deixar a alegria suprema: a do amor verdadeiro.

Hoje, para estabelecermos relações com a natureza, com os outros,



com o nosso futuro, necessitamos de uma nova sabedoria total, que, exumando-nos do sarcófago matemático e conceptual, nos ajude a tomar consciência de que a razão não é a mais alta forma do conhecimento, e a distinguir: — o **objeto**, que só pode ser manipulado pelo conceito; — o **sujeito**, que só pode ser chamado pelo amor; — o **projeto**, que só pode ser designado pelo mito, pela poesia ou pela fé.

(Fragmentos do livro: "Palavra de Homem, Difel 1975).

um pouco de ternura

Antônio e Margarida Acauan

Este belo artigo foi ilustrado por cenas inesquecíveis de filmes de Carlitos, o personagem que continua despertando e irradiando ternura e poesia a um mundo sufocado pela competição desumanizante.



Por convicção amadurecida em muitos anos de vida conjugal, e convivendo com noivos, casais e jovens, além de uma variada experiência existencial e acumulação de dados científicos e culturais, estamos atribuindo cada vez maior relevo e importância à ternura como fator primordial de realização do ser humano e do seu destino.

Num grupo de reflexão de que participamos, todos com suas atividades programadas, aventou-se a possibilidade de melhor aproveitamento do lazer de fim de semana, e a conclusão quase unânime: dispôr de um lugar calmo e tranquilo (de preferência um sítio ou uma chácara) onde se pudessem acolher as pessoas sedentas de pelo menos algumas horas de amizade gratuita e autêntica. Visava-se ao encontro humano puro e simples, ao diálogo pessoal e informal, a um relacionamento relaxante e mais profundo sem nenhuma "segunda intenção", de modo que o "não fazer nada" se transformasse positivamente em "fazer nada". A experiência feita por pessoas

que convivem algumas horas, apenas na condição de pessoas, pondo totalmente de lado categorias sociais e profissionais para enfatizar o essencial, que é o "ser", confirma o alcance humano psíquico e espiritual desse "encontro".

Ora, quando pessoas se colocam na disposição de unir-se pelo que tem de essencial, livrando-se de condicionamentos secundários, e de fato, se desvencilhando deles enquanto impostos por costumes, estruturas e preconceitos, estamos perto de um entendimento profundamente humano e cristão. O que se revela nesses encontros é esta energia substancial a que chamamos de "ternura": uma afetividade descontraída, uma afeição que nada impõe e nada cobra, onde se descobrem os valores de cada um, a beleza singular de cada alma, de cada criatura, e de tudo o que temos em comum. Esse "comum" é o que espiritualmente se comunica e cresce, começando a formar em nós as bases de uma "comunidade".

Propositadamente usamos aqui a palavra "ternura" em lugar de "amor". Primeiro, porque o conceito de amor é muito mais amplo, muito mais profundo, de certa maneira o amor sendo um "agir" decisivo de todas as forças de uma personalidade; segundo, porque nos parece conveniente apelar para outras expressões da linguagem humana e do nosso idioma quando se deseja delimitar, precisar mais, especificar uma certa faceta de todo o complexo e imenso mundo do amor.

A ternura explicita, a nosso ver, sobretudo o encantamento diante da vida e dos seus mistérios, diante da vida que especialmente pode brotar das nossas mãos e das nossas sementes. É uma energia, uma capacidade de ser e de ser sempre mais e sempre novo, sendo ser com outro ser, uma fecundação de alma com alma, um desejo de integração que se irradia e se refrata, voltando a nós com renovado vigor.

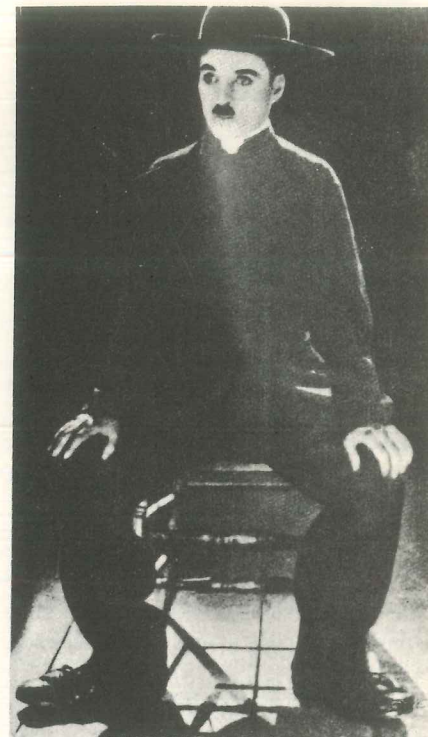


"O Garoto" (1921) — Poesia e Ternura.

"Em busca do Ouro" (1925) — Solidão e poesia.

vez o que Teilhard define como "solidade do ser com o ser", talvez o São Bernardo de Claraval tinha em mente quando afirmava genialmente: "a alma está mais naquilo que ela sente do que no corpo que anima". Nossa língua tem uma bela expressão para referir essa "energia radiante da ternura, quando recebemos os seus eflúvios: "Criei alma nova". Ternura é viver a poesia que reside nas coisas ordenadas, é a percepção e participação no sentido mágico das coisas, sejam elas uma estrela ou uma flor, um copo de água ou uma praia de areia. Toda essa irmanação universal redimida a Deus Criador, constituiu o sentido da santidade de Francisco de Assis, e sua esplêndida modernidade, talvez ele talvez o santo que mais de perto remexe com a nossa consciência procurando a significação do mundo e encontrando num constante abraçar o encantamento. João XXIII causou também um impacto na Igreja e fora dela pela vivência de uma ternura autêntica e límpida, que o levou ao encontro da rua, aos presos, aos mais humildes, de quem se aproximava com um sorriso, uma piada, um gesto básico de amizade desprentensiva e fecunda.

A ternura é simples, a ternura é fundamental, é gênese. Ela se despoja de todas as roupagens secundárias para ser ela mesma, a alma mesma das coisas pura e livre. Ela é uma energia libertadora e criadora, ao mesmo tempo humilde e poderosa. Exprime-se na relação humana por uma inesgotável gama de gestos de aproximação e comunicação, de convivência salvadora, que tanto pode ser um sorriso acolhedor, uma mão que acaricia, um abraço apertado, uma palavra que anima, um beijo que sela, um escutar que con-



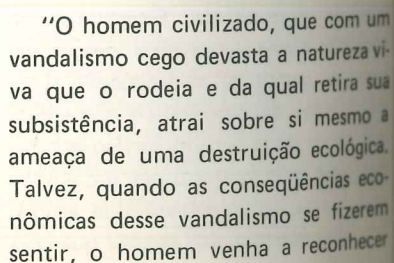
"Pastor de Almas" (1923) — Amor e Solidão.

vida e que alegre. Ela pode estar tanto no brilho do olhar como no tom da voz, tanto à flor da pele como no íntimo do coração. Está, na verdade, em qualquer expressão de vida que afaga outra vida.

A ternura é o reclinar-se de um ser sobre o outro, fazendo-os sentir-se dois em um só destino, dois que precisam unir-se para chegar ao seu "fim". Quando, por exemplo, essa união profunda ou ioga se processa no nível sexual, atingindo e movimentando as fibras mais íntimas de marido e mulher, cremos que então é que se pode falar de "conjugal". Uma sexualidade, a rigor, pode ser matrimonial sem ser conjugal.

Ternura é para o casal um sinônimo de amor enquanto este é uma afeição

Uma das causas de tantas crises na vida dos casais e nas relações entre pais e filhos reside na defasagem da ternura. Ela vai se tornando escassa, medrosa, ausente, não temos mais tempo nem lugar bem jeito para vivê-la. Por que está acontecendo isso?



toda a arte, desde o mais tosco ar-
to até a mais bela das sinfonias,
também toda a verdadeira ciên-
está impregnada deste encanto,
humildade fraterna, desta reve-
diante da infinita significação
da ser. Diante do ser e de cada
mento de integração ser-a-ser, cuja
nos revela um pouco o insondável
rio da vida e da morte, e do seu
pulho em Deus. Nesta reverência,
feito, se enraíza profundamente
Fé e ternura se alimentam da mes-
seiva. É de tal magnitude a nossa
ção para esse "encontro", que um
de teólogo assim se expressou:
us não se explica. Deus se encon-

“Filhas de Jerusalém, não choreis sobre mim, mas chorai sobre vós mesmas e sobre vossos filhos. Porque, se fazem isto ao lenho verde, que acontecerá ao lenho seco?” ■

GUIDO E ISOLDA

Marcílio Marinho

O sol poente ilumina as torres do velho castelo de Brandembugo, Isolda, a Esguia, aparece numa das ameias. É uma branca figura, desenhada a traços tênues contra o pálido pergaminho do céu. Examina impaciente o horizonte e exclama:

— Guido! Guido!

E depois, entre suspiros, sussurra para a aia:

— Ele não vem!...

O sol mergulha no horizonte e a noite cai, envolvendo em trevas o temível castelo e a pequena cidade de Vogelweide. Mas os janelões reverberam a luz vermelha das fogueiras e das tochas, porque nesta noite o Barão de Brandemburgo celebra o noivado de sua filha Isolda com Tancredo, o Carrancudo.

A festa já vai adiantada, com todos os senhores e vassalos reunidos no Grande Pátio Interno, mas Lady Isolda permanece em seus aposentos e lamenta a ausência de Guido.

Neste ponto será bom explicarmos quem é este personagem que se introduz inconvenientemente num noivado que não é o seu. Guido nascera para menestrel. O que mais desejava na vida era peregrinar de castelo em castelo cantando os feitos heróicos e o amor das cortezãs. Fora discípulo do célebre **trobador** Cristiano de Florisbel, de quem herdara o alaúde.

Guido e Isolda nunca se viram. Nunca se falaram. Nunca estiveram juntos. Em suma, não se conhecem.

Todavia, amam-se. Anos antes, quando levava o elmo de um amigo ao ferreiro para consertar, Guido tinha visto o nome de Isolda pintado num muro. Ficou pálido, sofreu um delíquio e decidiu partir para Jerusalém. Sua decisão repentina foi motivada pela certeza, também repentina, de que Isolda só amara um Cruzado longínquo.

A muito custo adquiriu um elmo de segunda mão, uma cota de malhas re-

ndada, um par de manoplas sem pontas. Empenhou o alaúde, trocou as pautas musicais por um cavalo, vendeu as letras a aprendizes e partiu.

Por aqueles mesmos dias, Isolda, ao passear pelas ruas de Vogelweide, viu a cota de malhas de Guido pendurada num varal de roupas, e desabou nos braços da aia, mais morta que viva. Foi por diante, ao nascer do sol, vagando pelos arredores do castelo repetindo o nome de Guido às árvores, às flores e aos pássaros. Às vezes cavalgava o seu rocinante até as areias do mar gritava: Guido! para as ondas.

Embora nunca se tivessem encontrado, Guido e Isolda não se esqueciam as feições um do outro. Por baixo da cota de malhas, Guido levava uma miniatura de Isolda, esculpida em marfim, achada no fundo de uma caverna. Ninguém lhe dissera que se tratava de Isolda, nem era preciso. Seu coração tinha dito, os olhos do amor não enganam — e isto basta.

E Isolda? Ela também acariciava por baixo do avental uma miniatura de Guido, o Trovador. Descobriu-a em um mercador que negociava em elmos usados, viseiras, armas

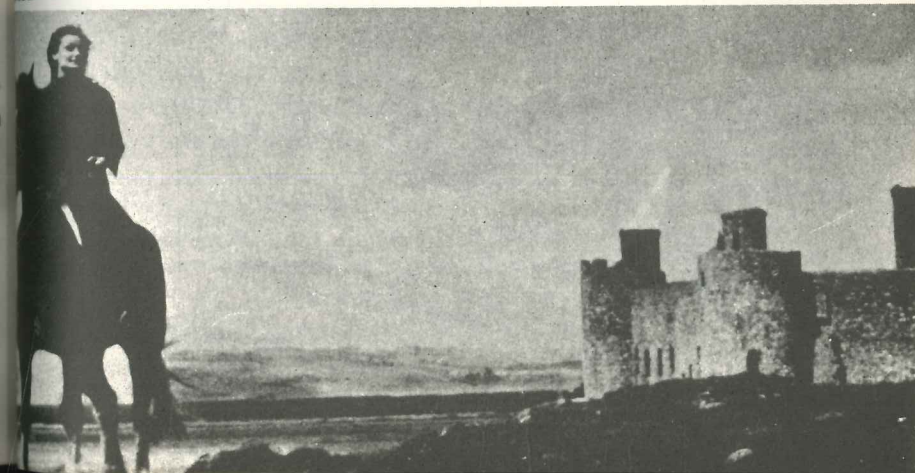
Medieval escrito para o VI Encontro Nacional do MFC.

enferrujadas e velhos cintos de castidade. Ficou tão feliz que pagou com pérolas. Sabia que se tratava de Guido por causa da cota de malhas no reverso da miniatura. Era o mesmo desenho heráldico que a comovera a secar ao sol no varal.

Guido esteve em Jerusalém, onde matou um Sarraceno para Isolda. Partiu depois para os confins da Panônia, determinado a matar um Turco para Isolda. Da Panônia passou à Bretanha, onde matou um Caledônio para Isolda. Cada ano e cada mês empreendia, por amor a Isolda, um novo ato heróico.

Entrementes, Isolda esperava. Não que lhe faltassem pretendentes. Por seu amor, Oto, o Otário, afogou-se no mar; Conrado, o Honrado, atirou-se da mais alta ameia diretamente no fosso lamacento; Siegfried, o Delicado, bebeu ácido sulfúrico, também chamado "vitriolo"; Hugo, o Desesperado, enforcou-se nas próprias peúgas e recusou, nobremente o banquinho oferecido pelos que queriam salvá-lo.

Isolda, a Esguia, não se comoveu; seu coração permanecia fiel a Guido o Trovador.



Então, após anos de aventura pelo mundo, Guido decidiu coroar seu amor com um ato definitivo. Retornaria a Vogelweide, escalaria à noite o rochedo do castelo e provaria seu amor matando o Barão, atirando a madrastra torre abaixo, ateando fogo ao castelo, e raptando a pálida amada na grupa de seu corcel.

E agora, eis-nos de volta à festa. Disfarçado em bobo da corte, Guido deverá roubar as chaves do portão e chamar os companheiros com o olifante.

O gordo Barão, refestelado à cabeceira da mesa, bebe garrações de vinho e brinda a Tancredo, o Carrancudo, todo emplumado a seu lado. Grande é a alegria do Barão, pois a seus pés está um novo truão, cujas piadas fazem-no rir tanto que quase sufoca.

— Por São Pancrácio! Onde este sujeito aprendeu tantos chistes novos?, e tomba para um lado gargalhando.

Nesse momento Guido tira-lhe as chaves do Grande Portão, despe a capa e o chapéu de bufão, dando-se a conhecer em todo o esplendor de sua conta de malhas. Numa das mãos brande a maça de Cruzado; na outra, empunha o olifante.

— Guido, o Trovador! — exclama a multidão.

— Eu mesmo! Vocês estão em meu poder!

Depois, enchendo os pulmões, leva o olifante à boca e sopra com força.

Sopra, sopra — e não sai som algum!

O olifante está entupido! Um detalhe, um mísero detalhe, talvez um docinho árabe grudado às paredes do instrumento — e eis arruinado o maior empreendimento de sua vida!

— Segurem-no! — ordena o Barão.

— Apelo para as leis da Cavalaria — exige Guido. Estou aqui para me casar com Lady Isolda, prometida pelo Barão a Tancredo, o Carrancudo. Deixem-me lutar com meu rival em combate singular.

Um grito de aprovação ergueu-se da multidão.

O combate é terrível. Mas em determinado momento, ao erguê-la no ar, Guido deixa escapar a maça, que vai atingir exatamente a face esquerda de Tancredo, derrubando-o com estrondos de lata e ferro.

A multidão aclama num só grito! Isolda, a Esguia, assustada com o alarido precipita-se recinto a dentro. E nesse momento os amantes de tantos anos se olham pela primeira vez. Imóveis, espantados, boquiabertos, custam a crer no que vêem. E desmaiam, cada um para o seu lado.

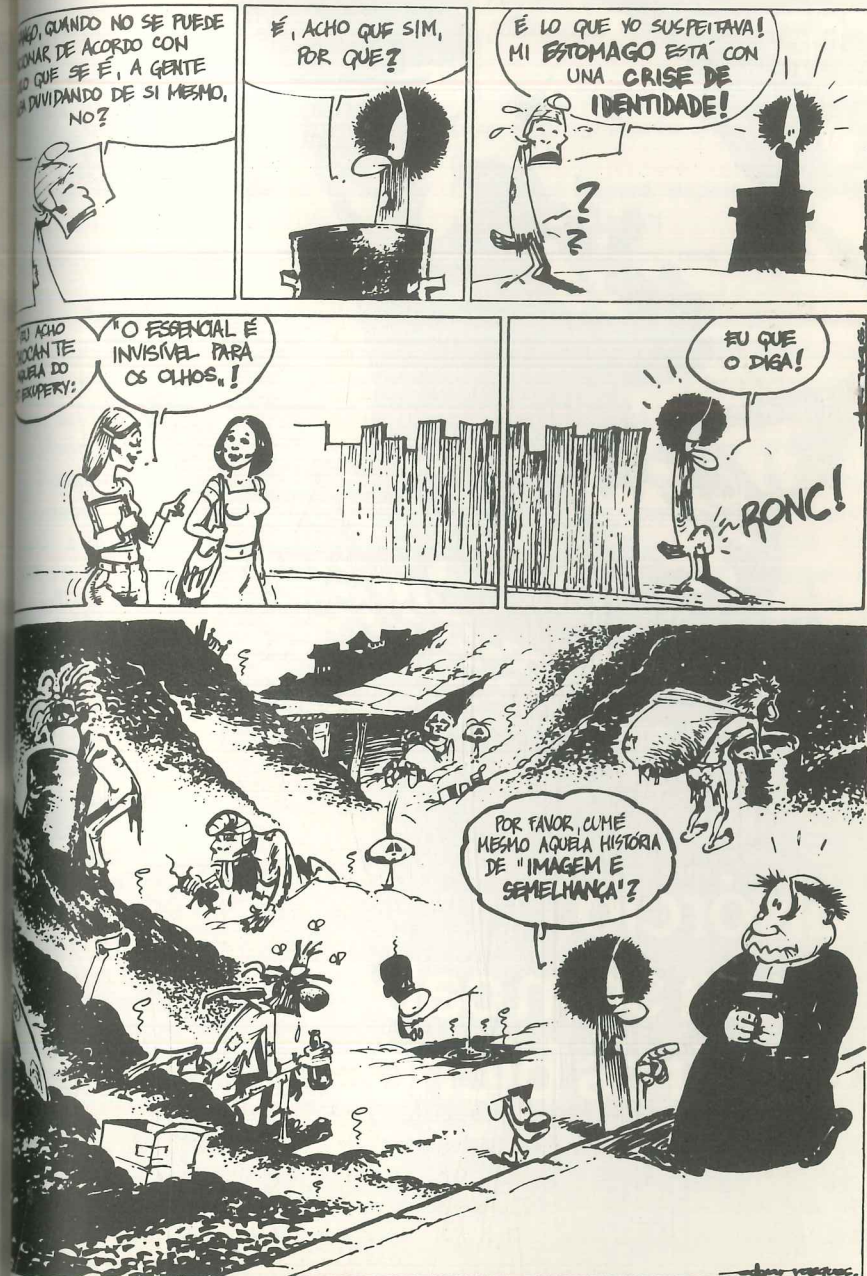
Tudo havia sido engano! Guido não era Guido, e Isolda não era Isolda. Um não identificava no outro os traços das miniaturas que carregaram por tanto tempo. Tratava-se de outras pessoas!

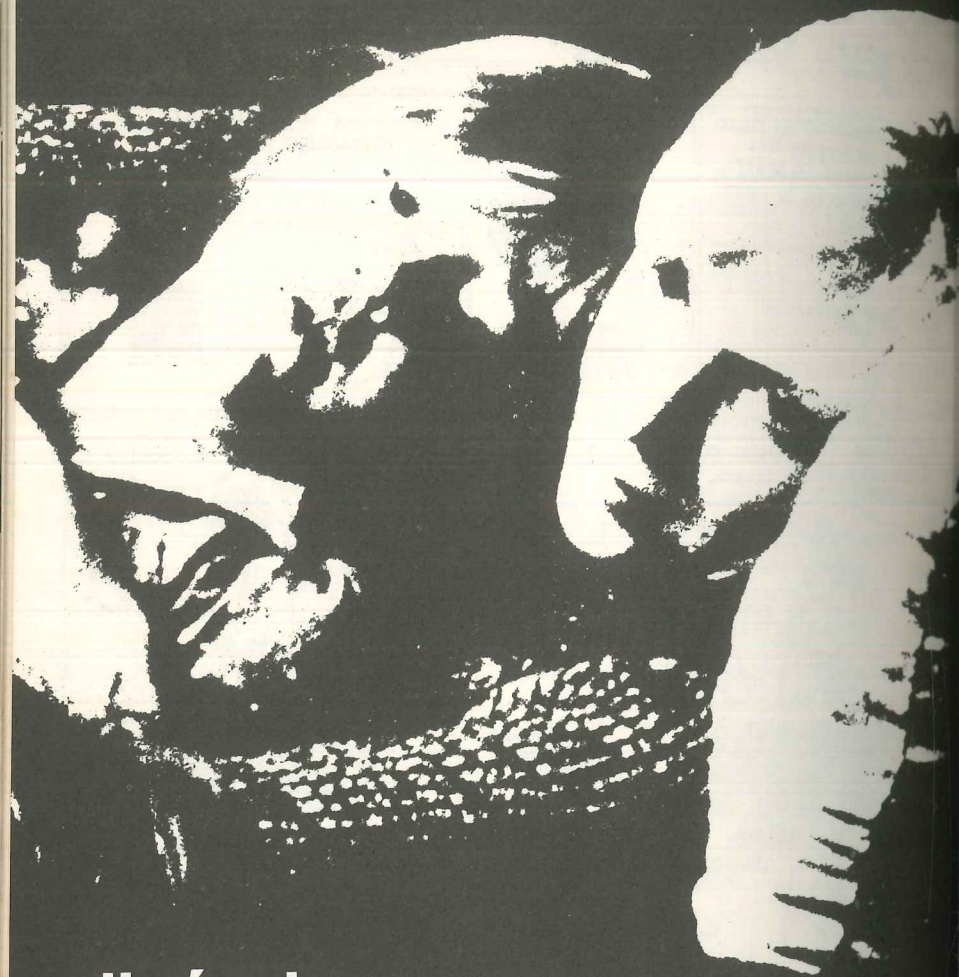
Ondas de remorso invadiram os corações dos amantes. Isolda chora pelo infeliz Tancredo, martelado ali no solo; por Conrado, o Honrado, afogado na lama do fosso; por Sigfried, o Delicado, torcendo-se na agonia do ácido sulfúrico. Guido lamenta ter traído sua vocação — destino para o qual nascera. Vem-lhe à mente a figura do velho mestre Cristiano de Florisbel, quando lhe vaticinava honra e glória na literatura e na música. Pensa nos pobres Sarracenos mortos e na matança inútil de Turcos e Caladônios.

E tudo por nada! Esse tempo todo, loucos ou cegos, ludibriados e ingênuos, haviam amado fantasmas.

RANGO

dogar vasques





divórcio, mula sem cabeça e outros bichos

José e Beatriz Reis

Desafios costumam ser, em geral, maiores, mesmo se levamos em conta os riscos e as provocações que sempre vêm com eles.

Talvez possamos dizer — mesmo tomando o risco de sermos considerados simplistas — que a história do homem, no mundo, talvez se possa identificar com a história de suas atitudes diante de desafios fundamentais.

Todos nós podemos perceber que os homens de todos os tempos e de todas as culturas sempre se viram, em determinados momentos, premidos por desafios que exigiam definições próprias, quer conceptuais quer vivenciais. De sua atitude diante dos desafios dependia, muitas vezes, a sobrevivência da história que lhes era contemporânea e mesmo, de sua própria história pessoal.

Acontece que a vida humana — a infância, a maturidade dos homens — constrói-se aos poucos, na própria medida em que se defrontam com desafios concretos e em que, diante deles, colocam a si mesmos perguntas e tentam situá-los diante das interrogações percebidas e situar essas mesmas interrogações, no meio de outras, como resposta, como um solo no meio de sons harmoniosos de uma orques-

tra. É verdade que os desafios sempre fazem parte da vida dos homens. E é verdade também que, em civilizações e culturas mais simples, os homens enfrentam-se a braços com desafios mais simples. Culturas e civilizações mais complexas carregam em seu bojo desafios também mais complexos e que exigem, dos homens, maior capacidade de análise, de crítica e de programação.

Existem desafios que são próprios do homem e que, portanto, se colo-

cam aos homens de qualquer tempo e de qualquer cultura, embora sejam expressos em linguagem e em estilos diferentes.

Esses desafios universais colocam os homens de todos os tempos diante de indagações fundamentais, tais como:

“O que é o homem?

Qual é o significado da dor, do mal, da morte?

O que se seguirá depois desta vida terrestre?” (G.S.10)

Existem outros que nascem dos contextos sócio-religiosos e culturais e que inquiram certa camada de homens, condicionados por esses contextos.

Encontra-se hoje o homem moderno — e, entre eles o brasileiro — diante de tremendos desafios, frutos da evolução cultural que hoje se processa, do domínio econômico e da supremacia dos governos tecnocratas. Se bem que esses desafios pareçam, a um espírito desavisado, desafios próprios para intelectuais e técnicos, interpelam eles todos e cada um de nós, forçando-nos a nos situar dentro de algumas perspectivas-chaves que influirão poderosamente em nosso processo de vida e de amadurecimento humano.

Talvez possamos situar assim esses desafios a que agora nos referimos: Qual o valor do progresso, se apesar dele, continuam a subsistir a dor, o mal, a morte, a desigualdade entre os homens, o domínio do mais forte sobre os mais fracos? Para que servem as vitórias conseguidas a tanto custo se elas não tornam os homens mais humanos e mais solidários?

“O que o homem pode trazer para a sociedade e dela esperar?” (G.S.10).

Acontece ainda que, em determinados momentos, aparecem, em uma nação determinada, desafios concre-

tos, frutos de condicionamentos globais e de opções mais ou menos conscientes de seus cidadãos ou de minorias que pretendem representá-los.

A aprovação da lei do divórcio colocou-nos, de certa forma, diante de um desafio dessa natureza, sem destruir, no entanto, os desafios mais amplos e mais essenciais, existentes antes dele e agora coexistindo com ele.

Este desafio específico a que neste minuto nos referimos veio colocar em cheque o valor da fidelidade conjugal transformada, pelos juristas (quer civis quer eclesiásticos) no conceito de indissolubilidade do vínculo matrimonial.

Trata-se de um desafio sério, embora seja apenas um desafio colocado ao lado de outros, igualmente sérios e igualmente inquiridores.

Modificando sua posição diante do problema da indissolubilidade do matrimônio, a jurisprudência brasileira aceita que, diante de certas circunstâncias, o vínculo matrimonial possa ser por ela destruído e que os ex-cônjuges se tornem livres para tentarem oficialmente, novas experiências familiares.

Embora tudo indicasse, antes, que assim terminaria, mais cedo ou mais tarde, a campanha pró-aprovação do divórcio, parece que muita gente foi pega desprevenida, como alguém agredido, de noite, numa curva do caminho.

Instalou-se, como consequência, a perplexidade e o temor.

Habitados a uma perspectiva moralista em que princípios imutáveis norteavam a vida humana, sentimo-nos como se sentem as vítimas de um terremoto ao perceberem que lhes escapa, num momento, o solo firme onde



eram fixadas suas certezas e suas raízes.

E pensamos imediatamente na tradição que nos foi entregue, nas colocações de nossos pais na fé, fazendo, da indissolubilidade matrimonial, um dos pilares das exigências cristãs.

Perguntamo-nos então se uma jurisprudência pode criar ou destruir uma realidade vivencial, ou se pode, apenas, fazer-se substituir por outra jurisprudência, colocada à margem da realidade que quer interpretar ou orientar. Esquecemo-nos de que nova jurisprudência leva a reformulações de conceitos que podem ou não influir sobre a vida dos cidadãos — mas que ela não cria, não faz surgir essa vida que a antecede e que, de certa forma, a explica.

Optou a jurisprudência brasileira pela dissolução oficial do vínculo matrimonial. Mas ela não pode destruir o valor “fidelidade” que se encontra por trás do conceito de indissolubilidade. E é nesse valor que se fundamenta a exigência da indissolubilidade. Surge, então, o desafio de que nos ocupamos agora.

Jovens continuam a se amar e a se casar. A maioria deles já não aceita uma indissolubilidade imposta por princípios, por convicções alheias ou por jurisprudência. Mas aceita, sim, uma indissolubilidade construída ao longo dos dias, das horas e dos anos, uma indissolubilidade consequência da vivência do amor e da fidelidade. O problema se desloca do plano dos conceitos para o plano existencial. Eles percebem que nenhuma legislação — nem civil nem eclesiástica — será capaz de criar uma indissolubilidade vivencial, quando não existem estruturas psicológicas, pessoais, humanas que fundamentam e tornem pos-

sível à vivência, a construção dessa indissolubilidade.

Repudiam, ao mesmo tempo, uma indissolubilidade fictícia e sempre burrada nas barbas dos legisladores.

Percebem que, o mais importante, não é saber e apregoar que nossos teólogos e filósofos, em tempos precedentes, já situaram e resolveram esse e outros problemas. Mas que o que realmente importa agora é que nós, homens de hoje, aceitemos os desafios que se apresentam e procuremos resolver os problemas deles decorrentes. É verdade que, para isto, contamos com a contribuição de nossos antepassados, esses gigantes na fé. Mas é verdade também que sua doutrina nos deverá servir de trampolim. Firmando nela os pés, poderemos partir, hoje, para o salto que nos deverá situar, com nossas indagações e nossas respostas vivenciais, diante do desafio que agora nos preocupa.

É claro que este desafio é sério: claro que teremos todos que procurar caminhos válidos, dentro de um contexto novo para nós. Claro que teremos que descobrir um estilo novo de vivência da fidelidade conjugal, que nos leve, no final do processo, a encontrar a indissolubilidade, já não imposta, mas amada, desejada, procurada, construída a dois.

Falta-nos, no entanto, situar o valor "fidelidade" conjugal dentro de uma perspectiva mais ampla: ela é apenas um sinal, uma faceta, da fidelidade global: da fidelidade do Senhor, na aliança com seu povo e da fidelidade sofrida, vilipendiada e sempre reconstruída, do povo de Deus, diante de seu Senhor.

Assim, a simples modificação da jurisprudência matrimonial no Brasil

nos coloca diante de um desafio fundamental: em que consistirá hoje nossa fidelidade global, nossa fidelidade diante do plano salvacional do Senhor que chama cada um pelo seu nome e o coloca diante de desafios que se devem transformar em história?

Lumen Gentium situa assim o desafio central da fidelidade: "... todos são chamados à santidade, segundo as palavras do Apóstolo: "Esta é a vontade de Deus, vossa santificação". (1 Tess. 4,3; Ef. 1,4) (L.G. 39).

"Nos vários gêneros de vida e ofícios, cultiva-se uma única santidade por todos os que são movidos pelo Espírito de Deus, ... cada qual deve avançar sem hesitação pelo caminho da fé viva que excita a esperança e opera a caridade".

"... todos os fiéis cristãos, nas condições, ofícios ou circunstâncias de sua vida, e através disto tudo, dia a dia, mais se santificarão se com fé tudo aceitam da mão do Pai celeste e cooperam com a vontade divina, manifestando a todos, no próprio serviço temporal, a caridade com que Deus amou o mundo". (L.G. 41). Eis-nos, de novo, no âmago do problema. Eis-nos, sem fugir de nossa época e de nossa problemática concreta, colocados diante do desafio nevrálgico que, por si mesmo, repõe nossas respostas de fidelidade dentro da fidelidade do Senhor. Surgem aqui, talvez, desafios funcionais muito importantes: Como? Com que estilo? Quais as exigências especiais que servirão de ponto de referência a essa santidade hoje, aqui e agora?

Todos esses desafios exigiriam, talvez um novo capítulo. Não poderão ser tratados dentro dos limites deste artigo. E, por isto, deixamos apenas, diante de todos, a pergunta candente:

"E agora, José?"

o programa dentro de alguns séculos

Armand Robin

Será suprimida a Fé
Em nome da Luz,
Depois, se suprimirá a luz.

Será suprimida a Alma
Em nome da Razão,
Depois, se suprimirá a razão.

Será suprimida a Caridade
Em nome da Justiça,
Depois, se suprimirá a justiça.

Será suprimido o Amor
Em nome da Fraternidade,
Depois, se suprimirá a fraternidade.

Será suprimido o Espírito de Verdade
Em nome do Espírito Crítico,
Depois se suprimirá o espírito crítico.

Será suprimido o Sentido da Palavra
Em nome do Sentido das Palavras,
Depois, se suprimirá o sentido das palavras.

Será suprimido o Sublime
Em nome da Arte,
Depois, se suprimirá a arte.

Serão suprimidas as Escrituras
Em nome dos Comentários,
Depois, se suprimirão os comentários.

Será suprimido o Santo
Em nome do Genio
Depois, se suprimirá o genio.

Será suprimido o Profeta
Em nome do Poeta,
Depois, se suprimirá o poeta.

Serão suprimidos os Homens de Fogo
Em nome dos Ilustradores,
Depois, se suprimirão os ilustradores.

Em nome de nada, será suprimido o homem;

Será suprimido o nome de Homem;
Já não haverá nome.
Aí estamos.



as estruturas caem

José e Maria Augusta Silveira

Quase entrava a madrugada quando aquela árvore gigantesca, ao lado de nossa casa, caiu. Ela já havia dado sinais de sua instabilidade. Como medida preventiva, para mantê-la de pé, foi feita a poda de um de seus galhos até houve quem cogitasse, sob o protesto da maioria, em derrubá-la.

Mas, nada pôde segurar a velha árvore, quando um vento mais forte varrou naquela noite. A um pequeno

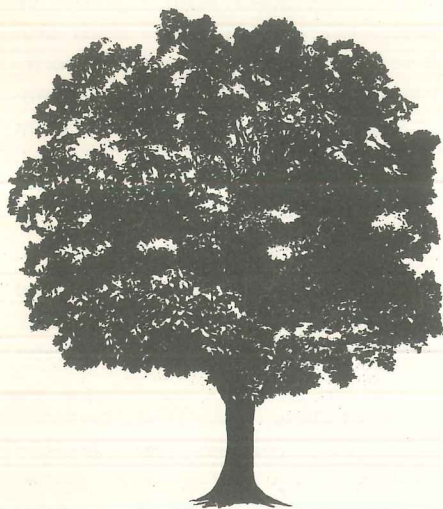
estalo, como aviso prévio, seguiu-se ruidoso estrondo e uma vigorosa sacudida em nossa casa: a árvore de grosso tronco, múltiplos e ainda exuberantes galhos e, na aparência, fortemente enraizada tombara ao chão.

Nossa casa, nossa família estiveram seriamente ameaçadas. Contudo, saíram ilesas. O espaço vazio, entre a casa e a garagem, se tornou, de repente, uma floresta. Sob as folhagens, lá estava deitado o imponente tronco, com sua enorme extremidade inferior impiedosamente desenraizada, e um grande sulco na terra. Os galhos, atravessando-se à saída da garagem, impediam a completa movimentação da família. Foi preciso serrar, cortar, deslocar para lhe restituir o livre trânsito.

Nossa família se habituara àquela árvore, até mesmo se identificara com ela. Os filhos cresceram entrelaçados aos seus galhos. Tantas vezes, outrora, com os amigos, empoleiraram-se nos galhos firmes e convidativos, numa gostosa instalação à moda infantil. Nós todos nos sentíamos acolhidos, protegidos por sua sombra. Aos domingos, nas tardes boas, era ali, sob a árvore, nossa sala de visitas.

Parece incrível, mas até o MFC surgiu e se desenvolveu, entre nós, sob a sua sombra definida, agradável, útil, segura. Aí se realizaram muitas das primeiras reuniões, aí se traçaram planos e se analisaram situações. Festejou-se, mais de uma vez, o dia de São José, início dos trabalhos pastorais do ano. Celebrou-se missa debaixo da árvore.

Por isso, pode-se entender o pânico e o sofrimento que o acontecido gerou em nossa família. Sentimos como se algo nos tivesse sido arrancado. Impiedosamente, cavou-se um sulco não só na terra, porém em nós. Parecia



essa mesma terra nos fugir sob os pés. Sentimo-nos inseguros.

Igualmente se compreende o impacto sofrido pelos amigos do MFC, especialmente os mais antigos, quando lhes anunciamos que "aquela árvore caía durante a madrugada".

No entanto, todos nós, se refletirmos um pouco, percebemos que não adianta querer segurar uma estrutura arcaica, por mais que ela nos tivesse servido, abrigado, dado segurança. Por mais que ela nos pareça estável e útil ainda.

Lembre-se que a ela estamos ligados por muitos laços, de várias ordens. Diversos interesses nossos estão em jogo, muitos dos quais razoáveis, lícitos. Nessas condições, a queda nos soa como um descalabro.

Identificamos a árvore com a nossa família. De forma análoga, costuma-se confundir a estrutura familiar com a família.

A estrutura familiar que nos ensinaram e que nós ensinamos também,

mesmo aquela que defendemos no início do MFC, há 20 anos, já vinha dando aviso prévio de sua queda, faz algum tempo. Temerosos cortávamos algo velho aqui, ajeitávamos ali, para mantê-la de pé. Nem de longe queríamos pensar que pudesse ser derrubada. Seria o caos. Agíamos, então, com absoluta autenticidade.

No entanto, sabemos, profundas modificações se processaram naquela estrutura familiar. Ainda não estamos nós correndo o risco de pessimismo, de pensar que isso bastou para que a família esteja em perigo (periclitante) e vá sucumbir? Não estaremos ainda confundindo coisas? Ou vivendo um saudosismo infundado?

Temos de remover a árvore caída. Serrar. Cortar. Deslocar. Os galhos talvez estejam atrapalhando nosso livre trânsito. Ou, quem sabe, deles não nos queremos desfazer? Muita coisa da antiga estrutura familiar, já por terra, pode ficar ainda como obstáculo à nossa caminhada.

É verdade que a evolução das formas de relacionamento familiar, embora positiva em muitos aspectos, se constitui em um processo de busca entre quedas.

Com as visões fragmentárias e infantis, destroem-se também, ou se deixam em segundo plano, conceitos e valores autênticos, talvez mal colocados no passado, mas, em si, válidos e necessários.

A par disso, surgem antivalores para a família, nessa evolução: a massificação, a ausência da imagem da paternidade, a insuficiência econômico-financeira, gerando marginalização, a superficialidade, a irresponsabilidade.

Não percamos, entretanto, a esperança, mesmo quando parece que a

família desmorona, que tudo se foi. A árvore se foi, nossa família continua. O amor não diminuiu. A união entre os membros também não. O que é essencial permanece, os valores inextinguíveis ficam.

É bom não dramatizar a queda. Não fazer dela uma catástrofe, um desastre nos acuda". A questão merece um enfoque mais positivo.

Retomando nosso relato inicial: ... e a árvore, serrada, cortada, foi deslocada para os fundos da casa. Guardava-se o tempo oportuno para transformá-la em lenha, que, ao arder na fogueira, iria esquentar os dias de inverno da família.

Éis que chegou o vigésimo quinto aniversário de nossa vida familiar. Um altar fazia necessário para a celebração característica comemorativa do evento. Para ele construído, então, utilizando-se, como suporte, galhos da árvore caída, encimados por uma tábua de madeira nova.

É bom não dramatizar a queda, não desprezar tudo o que caiu. Com galhos quebrados — quiçá, misturados com a madeira nova? — também pode construir algo útil à família, algo útil que possa até se transformar em instrumento de louvor a Deus. É possível descobrir valores novos entre os escombros ou antigos valores descobertos.

A atual problemática familiar desafia nossa fé, que nos põe à espreita e nos faz perceber, na história dos homens, indícios da ação renovadora de Deus.

Quem sabe os valores novos da família não constituem um indício? O Reino pode estar crescendo dentro da nossa história, sem o sabermos. O que nos parece catástrofe pode ser



libertação, chance de maior vivência de valores evangélicos, hoje também redescobertos.

... Nova árvore foi plantada no lugar da antiga, como resposta às necessidades e à melhor realização de nossa família, nas circunstâncias atuais.

A arvorezinha não tem ainda a importância da outra. Talvez nem chegue a ter. Hoje as estruturas tendem a ser mais leves.

Ela precisa ainda se firmar. Não dá tanta segurança. Vai-se transformando. Cresce. Já teve, até, um galho quebrado. Embora nova, tem de ajustar-se. A rapidez das transformações está cada vez maior.

A essência da família é o amor. Este tende a perpetuar-se. Poderá, pois, a família — tantos pensam assim hoje — cair com qualquer vento, como as estruturas obsoletas?

"Não sejamos tão precipitados falando na morte da família. Pode ser que ela esteja nascendo agora". (Mac Luhan).



vossa libertação está próxima

Padre Felix Valenzuela

motivo desse trecho do Evangelho é a admiração dos apóstolos diante do templo de Jerusalém.

Na fala do templo, da sua destruição aos "gentios", e depois, numa linguagem escatológica, passa a falar em carceres atemporais sobre o império do mal. Mas diz: "não vos preocupeis, a vossa libertação está próxima".

Na Sagrada Escritura, na carta aos Romanos, mostra como o ato redentor, realizado por Jesus, contém os elementos necessários para libertar o homem, liberado pelo peso do pecado.

O sangue de Jesus é apresentado como o preço do resgate.

Trata-se de uma verdadeira libertação. A partir desse momento, o homem pode sentir-se num mundo novo, onde o mal não impõe a sua lei.

O Evangelho é um chamado à autêntica liberdade. O homem foi renovado na sua redenção, e essa renovação tem um carácter primordialmente interpessoal.

Não há dúvida, embora não se deve exagerar ou exclusivizar.

Muito frequente vincular a "libertação" cristã só ao ato redentor, na sua dimensão histórica. Nesse caso o crente não consegue o seu objetivo no momento, que, pelo batismo, se integra na libertação.

Mas Jesus, neste texto de Lucas, diz: "a vossa libertação está próxima". O ato redentor já aconteceu, mas a libertação do crente, pelo contrário, está por ser realizada.

Está perto, sim, mas ainda não chegou. A libertação do Evangelho não pode, portanto, identificar-se com a redenção.

Supõe e exige algo mais. Mas, o quê? Para responder a esta pergunta convém lembrar como a futura libertação guarda uma íntima união com o poder dos "gentios". Estes simbolizam a forma do mal, de todo o império oposto aos interesses de Deus.

Só com a queda deste império, poderá sentir-se livre o povo eleito. Para isso é preciso a presença do "dia do Senhor". A história do cristianismo mostra ecos claros de tais intervenções. Com elas Jesus vai libertando a sua Igreja das mais diversas opressões.

Não se trata, pois, de uma libertação simplesmente interna; pelo contrário supõe repercussões no exterior. Isto é, quem reduz a libertação a dimensões internas e espirituais, não capta toda a sua significação. Impõe-se, portanto, um aspecto político-social? Esta expressão "político-social" é muito abrangente, ou pode ser entendida de formas diferentes; sem entrar neste te-

ma, poderíamos dizer que a libertação não tem necessariamente um aspecto "político-social", entendido este no seu sentido mais estrito. Talvez seja mais acertado pensar que a libertação da comunidade não é unívoca, nem no tempo, nem nas circunstâncias.

Lucas convida a confiar: "a libertação está próxima". Essa libertação em Lucas vem apresentada em categorias atemporais; por isso utiliza imagens cósmicas, que fazem pensar no fim dos tempos.

Acontecerá quando a humanidade toda for libertada.

Porém, isto não obsta a que, no decorrer da história, processem-se "libertações parciais", no seu alcance e no seu conteúdo.

Cada uma apresenta uma característica comum: a libertação dos fiéis da opressão dos "gentios", que simbolizam as forças do mal, opostas ao reino de Deus.

Interessa, em cada caso concreto, determinar quem são esses "gentios" e em que medida oprimem a comunidade. Esta exigência nos coloca ante a necessidade de estudar a realidade, e de analisar essa realidade à luz da Palavra de Deus, e consequentemente do seu Reino.

Explica-se, pois, que em cada época da história e em cada país, a libertação possa reivindicar características especiais.

E isto também nos leva a outro aspecto fundamental. A libertação não é problema dos países desenvolvidos ou subdesenvolvidos. É problema de todos os povos e de todos os tempos, embora, por circunstâncias especiais, adquira conotações mais concretas nos países mais oprimidos.

O que é certo é que a "libertação" não se reduz a uma mudança inter-

no-espiritual; isto já foi conseguido na redenção.

A libertação em Lucas interessa diretamente à comunidade, requer e exige valores e dimensões também externos. Trata-se, por isso mesmo, de uma libertação integral, que possibilite ao cristão, sem nenhuma coação, cumprir as autênticas exigências do Reino.

Esses valores de dimensões externas são muito difíceis de serem traduzidos em categorias concretas.

É tão falso reduzir a libertação bíblica ao campo social, quanto empenhar-se em reduzi-la aos valores espirituais. É o homem integral que está implicado; este homem que faz parte de uma comunidade, de um povo de Deus que se chama Igreja. E a Igreja deve suspirar continuamente pela sua libertação. Esta acontece quando se deixa sentir uma intervenção especial — "o dia do Senhor" — e, através dela, são aniquiladas, em algum lugar e tempo determinados, as forças opostas à comunidade.

Os nomes mudam, as circunstâncias também, mas a história vai mostrando como Deus intervém para libertar seu povo.

Cada libertação é um novo degrau na escada que une o homem com o Reino de Deus.

A união definitiva acontecerá na libertação escatológica, no fim dos tempos, libertação válida para toda a humanidade. Enquanto isto não acontece, as intervenções de Jesus se repetem, e cada uma delas afeta a um grupo determinado de fiéis.

A Igreja vai avançando, libertando-se. Por dentro e no ritmo da sociedade. O segredo consiste em ir implantando a "vida nova" (redenção), num mundo novo ("libertação").

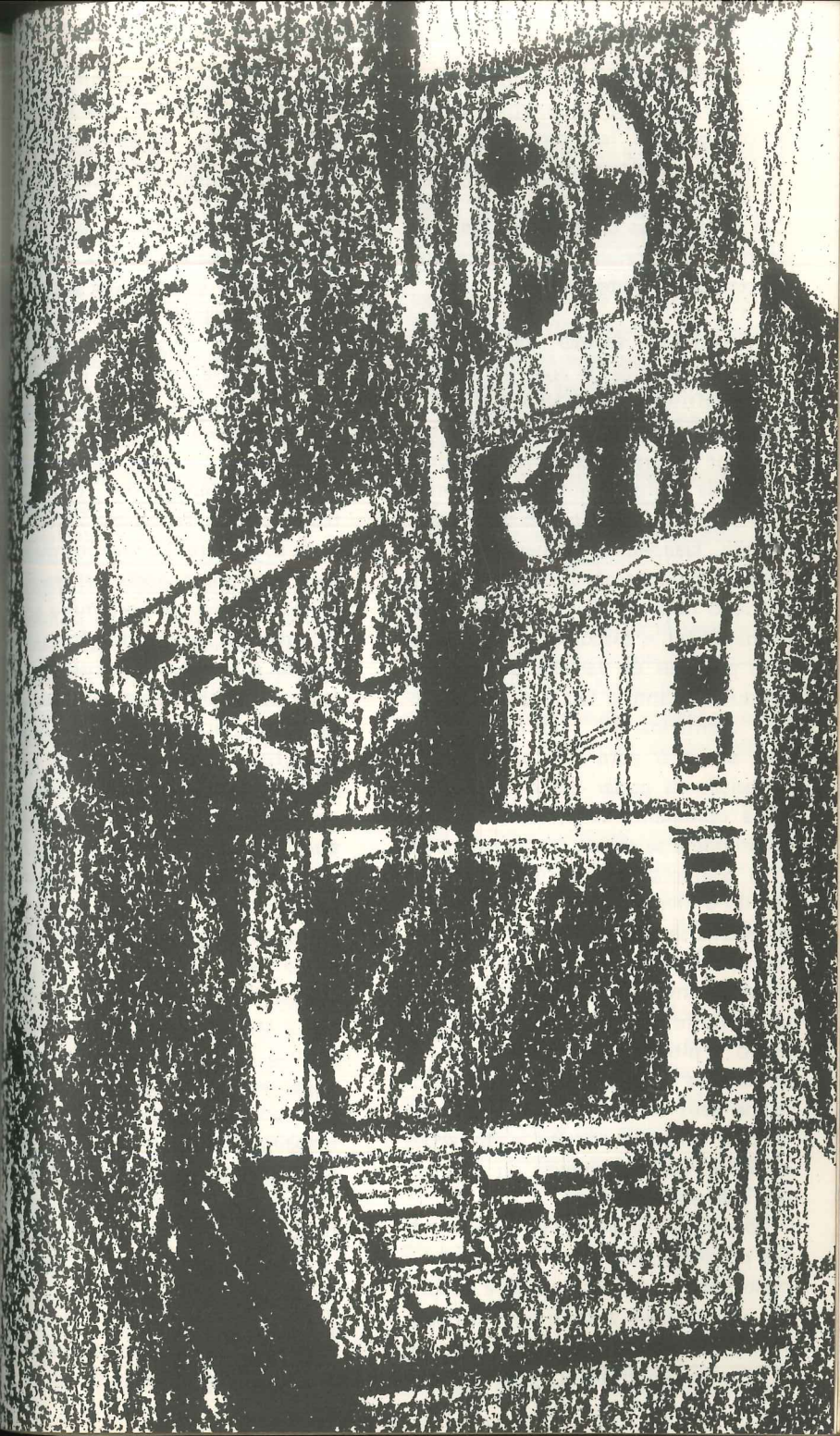
controle e alienação

Cláudio José de Campos Filho

Entendemos, aqui, como controle a série de normas que são estipuladas na sociedade com o fim de manter e perpetuar uma determinada autoridade, caracterizada por uma justificação em si mesma e não no consenso ou na aprovação da maioria do grupo social. Este tipo de normas teria a finalidade

de justificar uma forma autoritária de gerir a comunidade.

A alienação que nos referimos é um segundo tipo de processo social que se define por manter o não questionamento à ordem estabelecida. É de certa maneira complementar ao primeiro já referido. A alienação é o



processo fundamental pelo qual se retira da comunidade os meios de decisão. É a forma de sistematizar o não questionamento. Isto será então feito de forma a deslocar as questões principais colocando em lugar delas questões secundárias onde as decisões não levem obrigatoriamente a qualquer contestação da autoridade.

A FAMÍLIA COMO CONTROLE

Os mecanismos de controle tais como se verificam na sociedade têm uma resposta e adequação familiar próprias.

Como a formação da família antecede a de qualquer outro grupo humano até mesmo de um grupo de amizade infantil, (Jacques Hochmann) a manifestação do controle social tem nela o primeiro objetivo. É comum se verem propagandas e discursos onde se pedem aos pais de família tais e quais condutas quanto a tais e quais problemas aventados: tal tipo de conduta vem asseverar para este pater-família a posição de poder que o próprio sistema dominante se investe. No caso se propõe e se espera que o pai venha a se comportar como "chefe", instituindo o mesmo poder e controle que o sistema se aufere. Fortalecendo este pai autoritariamente tenta-se reforçar no seio familiar a posição de controle do próprio sistema. Este pai seria então o último elo da cadeia que fecharia, nas mãos do sistema, o controle de seus membros, sufocando, na própria fonte de anseios e aspirações qualquer questionamento ou proposição indesejada.

O pai que assume a versão autoritária proposta pelo sistema deverá no meio familiar, impor normas e conceitos próprios em acordo com o poder inconscientemente assumido por ele. Nisto tem importância primeira a ma-

nifestação de domínio. Inicia este processo procurando o domínio da mãe. Geralmente exerce a sua figura apresentando um carisma onipotente. Coloca-se sempre melhor qualificado e dotado para discernir problemas e tomar decisões. Reduz a sua esposa a mera executora de suas atribuições. Através dela estende sua autoridade a todos os membros do clã familiar.

Tornando claro seu poder de domínio passa a controlar as manifestações no seio da família. A começar pela linguagem, exigindo de todos um linguajar apropriado, tratamento "respeitoso" e "adequado". Com isto estabelece uma forma de comunicação onde as palavras ao invés de manifestarem, bloqueiam, reduzindo o discurso entre os membros da família apenas a informações de eventos formalizados. Assim, submete e controla pela palavra a possibilidade de qualquer expressão, não previamente codificada e permitida.

Toda esta situação configura um tipo de comportamento familiar em que seus membros se apresentam apáticos e alheios ao que ocorre, procurando refúgio em suas fantasias, ou contestando o modelo familiar por condutas extremas.

No primeiro caso geralmente se situa a esposa que se torna uma pessoa apática e indiferente, reduzida a seu papel de cumpridora de ordens. Entrega-se ao holocausto pessoal como uma maneira de redimir sua culpa pela veiculação que faz das ordens e regras do marido, este muitas vezes associado, na esposa, com a figura paterna.

No caso dos filhos o comum é o comportamento estranho, fugidio. Tentam resguardar seus desejos das investidas do pai. Mantêm um comportamento quase delirante para ter o

resta de sua individualidade, com um nível de integração que lhe permite viver.

Em muitos casos, os filhos escolhem a conduta psicopática ou anoréxia, pela qual, de uma forma extrema, destroem a rigidez paterna. Criam um sem número de condutas anormais, com vícios, furtos, falsificações para, longe da regra imposta, colocarem, no anti-valor, a sua afirmação. Trata-se de comportamento autodestruidor, pelo qual procuram e encontram a punição da comunidade tais fatos. Reafirmam deste modo a regra básica de lei e ordem impondo seu pai.

FAMÍLIA COMO ALIENAÇÃO

A família como alienação é o modelo pelo qual determinada situação chega a seus fins. A instituição não questionamento e sua continuidade leva a que se proponham questões secundárias para a comunidade ao invés das principais. Estas questões vão formar o cerne do processo de alienação no seio familiar. São estas proposições as únicas aceitas e permitidas, constituindo no limite possível de questionamento.

Não há questões nesta situação familiar. Tudo é conhecido e assim não há surpresas. Estas, quando surgem são expurgadas com a finalidade de manter-se o mecanismo.

Os membros desta família apresentam um alto grau de indiferenciação. O filho repete o pai e a filha repete a mãe e assim sucessivamente. O processo estipula tais modelos essenciais que vai lentamente rompendo com a consciência a favor do automatismo. Este, por sua vez, enrijecendo de tal maneira a per-

sonalidade que, da adaptação primeira, vai se tornando inadaptável e por isso mesmo fechando cada vez mais seu círculo de influência e comunicação na família. O adoecer se torna globalmente o caminho da estrutura familiar. Os membros mais sadios serão os emergentes a explodir como elos de uma cadeia onde são os menos resistentes. É o ato final do processo de alienação social imposta pela estrutura autoritária e alienante do poder.

A alienação social chega a alienação mental, e como tal os alienados são excluídos do meio social e internados em instituições onde serão vigilantemente enquadrados num modelo aceitável para o sistema.

CONCLUSÃO

Controle e alienação são modos de evitar que a família cumpra na sociedade seu papel transformador. E é ela o primeiro vínculo e dar conteúdo a novas formas sociais de organização e convivência.

Na família é que se situa a possibilidade da personalidade estabelecer suas primeiras relações de contato interpessoal e com o meio ambiente. Estes contatos terão que se dar sempre através da contradição, do questionamento e da elaboração de formas novas de um novo conteúdo de viver.

A família renovada é a família revolucionada onde a forma agregada de existir em conjunto está sempre existencialmente em questão. Isto para que o homem que nela se constrói seja uma nova possibilidade de existir. Uma nova resposta e uma nova pergunta num universo sempre em transformação.

o prazer de estar juntos

Dalton Barros

A BASE DO DIÁLOGO

O diálogo se baseia no reconhecimento da autoridade e da liberdade de cada um.

A característica e o fundamento de todo ser humano consiste precisamente em **ter autoridade** e em **ser autor**. É a mesma origem para as palavras autoridade, autor: auctor, auctoritas.

A partir do momento em que cada uma das pessoas que dialogam reconhece na outra esta autoridade, este direito de ela ser a autora de si mesma, cada um já está distante do risco de falar só e em lugar do outro. No diálogo a gente faz apelo à autoridade do outro. Quem não consegue não dialoga.



A autoridade compreendida assim como a faculdade de persuadir e como a possibilidade de ser eu mesmo o autor dos meus desejos que posso livremente manifestar. . . deveria ser a mais partilhada do mundo e permitir o exercício de um poder que ninguém exercia sobre o outro, ou porque é masculino ou branco ou rico ou estudado ou porque é mais vivido, como se diz (que ironia!), porque julga mais adulto.

DIÁLOGO É O ENCONTRO DE DOIS DESEJOS

A trama de uma relação humana é tecida de laços e de liberdade. Quando se vive num mundo de gente, em transformação, as pessoas se encontram, se descobrem diferentes e as confrontações se multiplicam. Para que haja entendimento, as pessoas procuram se chegar de acordo: se explicam e decidem acordos comuns. É preciso, então, fazer. O tempo se abre à palavra, à manifestação dos desejos de cada pessoa. **Tempo de relacionamento por ser tempo de palavra solta é tempo de encontro.**

Nessa trama, uma relação dinâmica estabelece entre grandes e pequenos, adultos e jovens, brancos e pretos, hierarquia e cristãos "leigos", pais e filhos. E uma diferenciação partindo de características de uma psicologia estritamente masculina ou feminina aparece como arbitrária e ligada a um equívoco conceito de natureza.

Se é verdade que nascemos ou machos ou fêmeas, nos tornamos homens e mulheres por um lento processo de identificação: processo educativo que arrrega consigo as marcas culturais da época.

Hoje, as mutações de ruptura com o tempo que se queria imóvel, ho-

mens e mulheres permutam sentimentos, caracteres e . . . simbolicamente até roupas. O lugar de cada um não é nem rígido nem definitivamente um só e sempre o mesmo. E a relação que se estabelece entre homens e mulheres faz com que eles se reconheçam "semelhantes e diferentes", e os mergulha numa variação que atrai ao mesmo tempo que assusta.

O amor surge como um arrastão de cada amanhecer: arrastados à compreensão e ao consentimento ao outro, a cada outro. **Amar o outro passa a ser de fato, aceitar se modificar, aceitar ser modificado.** Não se tem mais nem de si nem do outro uma imagem pré-concebida e fixa, pré-determinada pelos traços de uma dita psicologia. O perigo do amor é este fechamento sobre si e sobre o outro numa relação de categorias fechadas, encerradas.

A chance do amor é a aceitação de um desejo sempre à procura de uma relação sempre aberta, de um caminho a ser refeito. . . em direção a uma resposta a ser cada dia construída ou simplesmente perguntada.

Na rachadura cultural em que vivemos, o tema do masculino e do feminino mereceria todo um estudo à parte.

DIÁLOGO NA VIDA CONJUGAL

Só há diálogo real na vida de um casal à base de uma igualdade. Isto supõe que cada um aceite completamente o outro sem deixar de ser totalmente ele próprio; pois, é vivendo os seus próprios valores que o marido, por exemplo, pode aceitar que a esposa viva também os valores dela. E vice-versa.

Mas há mais: a **originalidade do casal** está em que um desejo imenso mora em cada um dos dois e anima-os, de dentro, a vivenciar a relação entre

eles dois como uma comunhão, comum união.

Este desejo não se confunde com um certo conceito de vontade, ainda bastante em voga. Tem nada a ver com voluntarismo. Este desejo é um impulso que a gente descobre e cultiva e alimenta: impulso que apetece estar em comum união com o outro: implica não um ato de decisão da vontade, simplesmente, mas um desejo que se dinamiza e se conjuga em todos os tempos e modos. **Os dois desejam ser um, cada qual permanecendo ele próprio.**

Nesta perspectiva o diálogo se torna a expressão concreta deste desejo, deste bem-querer ser juntos, existir unidos, comungando.

A experiência de comunicação revelará que, na verdade, o casal são duas pessoas que se situam uma face à outra como duas histórias que se confrontam, porque diferentes, porque tecidas nem sempre pelos mesmos fios e no mesmo tear.

Esta diferença que precisa ser assumida e não abolida, revelada e não camuflada ou negada é a base do desejo de comunhão e que mostra o quanto o diálogo pode ser opaco e difícil. Esta opacidade dá lugar a uma fecundidade conjunta se na vida diária marido e esposa tecem a relação entre eles, com as lembranças, as alegrias, as penas, os prazeres, as responsabilidades, os momentos amorosos, nascidos de um esforço comum, fruto do desejo ativo de comunhão.

Afinal de contas, o que confere ao diálogo do casal, sua nota distintiva e garante a permanência renovada deste desejo que os anima a viver juntos e em comunhão, é o **compromisso de fidelidade**. Ele dá ao casal chance de eternidade.

FIDELIDADE: O PRAZER DA UNIÃO

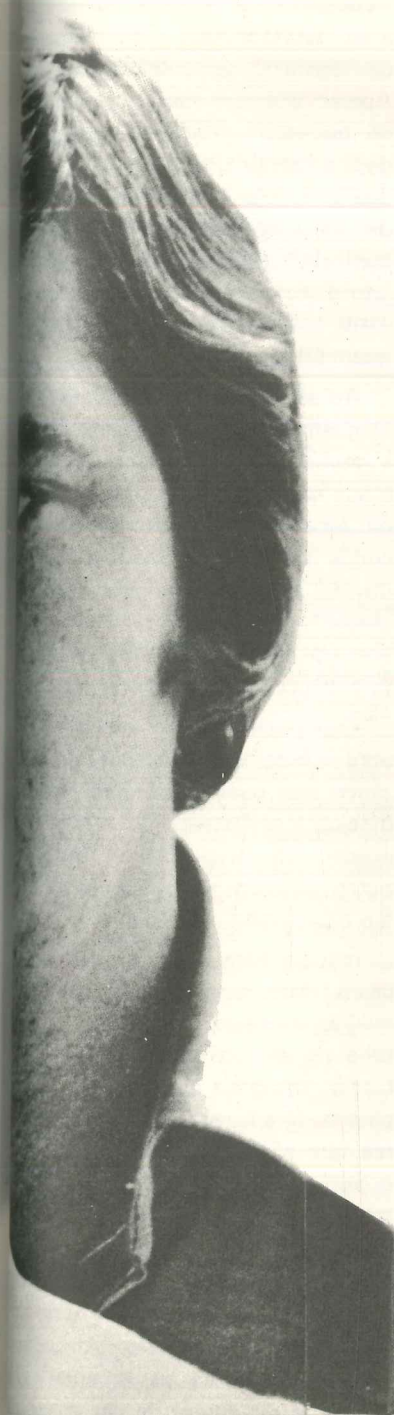
O compromisso de fidelidade é um **empenhamento**: "eu me prometo a você". É um laço que liga um ao outro. É confiança. É promessa recíproca. É esperança e palavra dada. "Eu me prometo a ti, porque te quero bem".

Querer bem a alguém é prestar-lhe atenção, se interessar por ele, se ocupar dele, manifestar-lhe solicitude. Vem de um aprendizado muito antigo, lá dos tempos de quando a gente chegou ao mundo, miúdo. Muito antes que pais e filhos possam estabelecer relações de igualdade na autoridade e na autoria dos próprios desejos, cada um necessitou de algo que só o outro podia lhe dar: ser reconhecido como existência diferente e reciprocamente se amar e se apreciar.

Este reconhecimento de um pelos outros, por cada outro (pai e mãe) da autoridade de cada um, se efetivava na partilha do prazer dado e recebido. Dado e recebido. Recebido e dado. Assim, este reconhecimento se torna a rocha sobre a qual todas as relações afetivas futuras vão-se construindo: a troca de prazer, a carícia de ser. Dar e receber prazer.

Quando numa vida conjugal os desprazeres (desgostos) submergem marido e esposa, ambos vivem apenas da consciência de obrigações e de deveres contraídos. E tudo põe a perdê-los.

A fidelidade é o oposto do desprazer e do desgosto: é um compromisso (devotar-se a alguém) e um **empenhamento de solicitude**: reconheço-te! Marido e esposa vivenciam as responsabilidades e os deveres recíprocos não em termos de "obrigação" (peso), mas movidos por aquele desejo grande de



comum união: como é gostoso existirmos juntos!

Quando cada um age em direção ao desejo do outro, mesmo se contrariando mas nunca anulando a si mesmo, eles estão a se dizer: — sua felicidade acrescenta algo à minha, sua insatisfação me priva de uma parte de bem-estar e eu quero ser feliz é com você!

Se isto parece fácil no começo, aos poucos...

Quanto maior for o prazer de viverem juntos, mais razões encontram para permanecerem diferentes e unidos. Quando se chega a comungar com o outro nas diferenças e pelas diferenças, o círculo das reações que garantem a continuidade está instalado dinamicamente. É um empenho feito de satisfações dadas e recebidas, de prazeres partilhados que cada um procura calma e tenazmente, como um bom artesão, realizar ao longo do tempo, reforçando o desejo imenso de comungarem de uma mesma história.

Viver unidos pelos laços do prazer é assumir o compromisso de solicitude recíproca, dando provas essenciais de fidelidade.

Comprometer-se inclui, ainda, outra dimensão. Empenhar-se por alguém é confiar-lhe seu bem-estar físico e afetivo; é um ato de confiança e um reconhecimento de fragilidade.

Não se trata, portanto, de apenas assumir um dia o compromisso, mas de **ir se comprometendo**, entrem os dias e saiam as noites.

O empenhamento cotidiano leva ao compromisso real em razão de um dinamismo afetivo e não por causa de uma decisão voluntariosa e exclusivista. Como se fosse questão só de querer e de excluir.

O DIÁLOGO DA HARMONIA SEXUAL

Quando o casal deseja e se dispõe a dar e receber o prazer sob todas as suas formas, o relacionamento sexual não nascerá de um direito ou de um dever. É também desejo que brota do bem-querer.

Dar e receber prazer, sobretudo sexual, não significa trocar favores.

É uma reciprocidade, um fluxo e refluxo de excitação e de satisfação, um vai-e-vem, um vem-e-vai entre parceiros que acabam sendo incapazes de traçar uma linha divisória clara entre o prazer que recebem e o prazer que dão. Não há contabilidade possível nem economia. Gasta-se. Desperdiça-se.

Este empenhamento globalizante, no qual todo o sentido das obrigações e das responsabilidades está ligado a um sentido a um sentimento de bem-estar e bem-querer, mantém o laço da comum união ao fio do tempo, que ao invés de ser corrosivo, constrói.

Todavia, ainda há em certos meios cristãos a tendência arraigada de transformar todo apelo ao melhor em termos de obrigações e deveres, acompanha-

dos de sacrifícios e penas, a prestações. Tudo ganha um sabor de "coisa árdua" e de "tarefa ingrata". Aquela do "vale de lágrimas, gemendo e chorando". Apesar dos entusiasmos exuberantes de muitos em proclamar que a sexualidade é "santa", não se escapa a visões dualistas, logo tingidas das cores fortes de esforço/conquista/dever/domínio/controlar/vigilância/mortificação... etc. Isto é mais prejudicial do que parece, mais opressor do que libertador e, quem sabe, anti-evangélico.

Ao se falar em harmonia sexual, já ninguém pode mais se esquecer de que a mulher não é a servente do homem e que nas relações sexuais não se trata de serviços prestados, de débitos a cobrar ou a pagar. Mas, às vezes, eu duvido se a terminologia "harmonia sexual" seja capaz de dizer o que convém e se ela não estaria por demais gasta e se prestando a manter equívocos.

Hoje pode-se propor que as relações sexuais espelhem as relações personalizantes nas quais cada qual reage aos desejos manifestados do outro, tenha prazer em proporcionar prazer ao outro, cada um se estimulando a si mesmo e respeitando o parceiro.

Isto significa que, na qualidade de iguais, mas gostosamente diferentes, marido e esposa experienciam a partilha no dia-a-dia e no noite-a-noite. Como ambiência indispensável às relações sexuais harmoniosas. Uma harmonia que não quer dizer conquista de orgasmos coincidentes como se se tratasse de uma tarefa, de um trabalho útil, objetivado. Objetivo alcançado, tarefa cumprida. . . fim de papo.

A aptidão de um homem e de uma mulher de se relacionarem sexualmente de modo prazeroso, depende essencialmente do desejo de dar e receber

prazer sob todas as suas modalidades variantes e variáveis.

O desejo não é fruto de uma vontade, de uma decisão, de uma disciplina, de uma obrigação, de um contrato.

Então, isto sim, de um elán que decorre do bem-querer. Recíproco.

Em cada passo, o corpo se afirma em experiências que a razão não controla. E obter prazer não significa favorecer carícias ou ingerir estimulantes. Significa um fluxo e refluxo de estímulos e de satisfações, um vem-e-vai

sendo variado e temperado a ponto de os parceiros nem mais saberem atingir o prazer que recebem do prazer que dão.

Um homem e uma mulher se conectam, se entrelaçam para saborear e compartilhar da própria natureza sexual e da natureza sexual do outro, as relações exprimem a expressão o que cada um sente, diz, percebe de acordo com os desejos e as conveniências do momento para um e para outro.

SPONTANEIDADE-E LIBERDADE

A harmonia sexual não implica que a relação sexual seja "aquela" experiência. Exatamente porque nada obriga os cônjuges a atingir uma meta. Algumas relações podem ser simples como um beijo ou singelas como um abraço noturno cordial e amigo, se tal for o desejo de ambos no aqui e agora da presença deles. Cada qual ficará feliz e bem disposto de haver proporcionado ao companheiro um momento de bem-estar amoroso e sexual.

Nesta ambiência descontraída, se vez por outra, a relação sexual for se revelando insatisfatória, em nada estará afetada a solicitude terna que os sustenta e garante, seguros que estão que o melhor pode ainda acontecer, no amanhã renovado da vida conjugal e familiar.

Entende-se, pois, a harmonia sexual como o prazer liberado.

Claro que de quando em vez um certo insólito serve de ajuda para quebrar a sonolência ou deixar de lado o cansaço e ir ao encontro do outro na revelação de sua nudez, de seu tocar, de sua emoção, na espontaneidade dos gestos docemente aprendidos.

Toda a arte desses encontros está em não deixar que o elán e a liberdade se ausentem. Tudo é permitido: regredir como criança que se aninha e pede carinho, articular sons, cantar, rir, se divertir. A ordem, a lei, a economia, o tempo-relógio perdem vez para que cada um corra pelos campos de girassóis da fantasia, esbanjando e desperdiçando. . .

Há relações que se preparam, há outras que se improvisam.

E sempre a relação sexual para ser harmoniosa precisa estar desvestida de objetivos a atingir e de uma funcionalidade a controlar para que ganhe em harmonia e alegria, facilitando a cada cônjuge viver sua sexualidade no ritmo que eles criarem. De acordo com o momento.

Dalton Barros é padre e psicólogo, doutorado pela Universidade de Louvain — Bélgica.

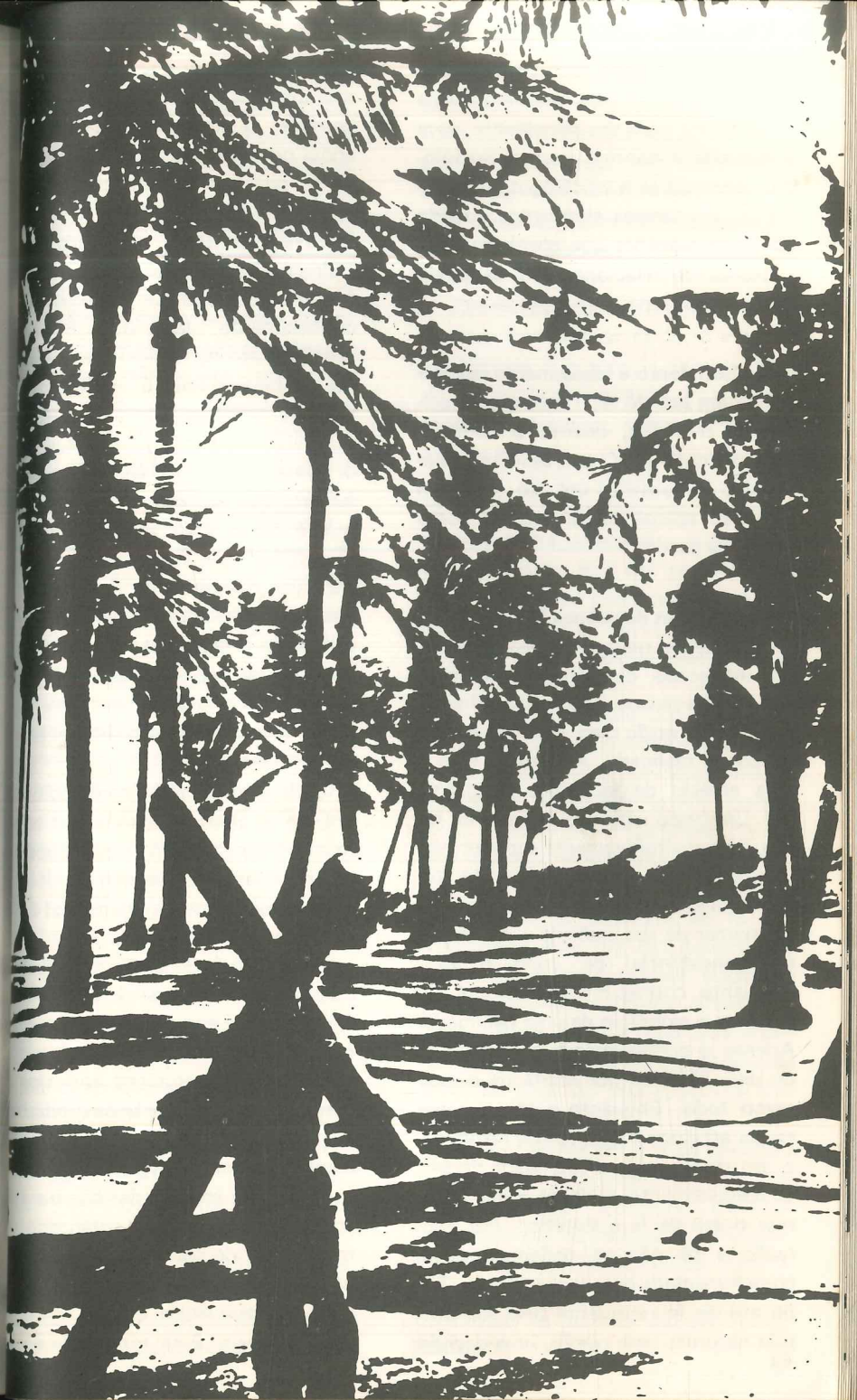
desenvolvimento e fé

Pe. Marcos Bach

O que significa a palavra "desenvolvimento".

Desenvolvimento, tomado em sentido personalista e comunitário, é um processo histórico, e não apenas uma questão técnica, ou um problema gerencial no sentido que lhe dão os economistas. Não gira em torno de coisas, não se volta para a produção e o con-

sumo, mas gira em torno da pessoa humana. A capacitação profissional, que é o objetivo principal de todo processo educacional em vigor, representa apenas um aspecto secundário. O desenvolvimento integral visa, antes de mais nada, à capacitação social do homem, preocupa-se com o desenvolvimento da sua capacidade de relacionamento. Não se pode afirmar de boa fé



que o homem de hoje se avanteja em relação à sociedade primitiva pela sua capacidade de se relacionar em forma mais adulta com seu semelhante, com a natureza e consigo mesmo. Sociólogos, ecologistas e psicólogos se manifestam em termos alarmantes quando abordam questões que envolvem a capacidade de relacionamento sadio do homem moderno.

O conhecimento é basicamente resultado de um ato de fé. Tanto o conhecimento empírico, quanto o conhecimento científico. O conhecimento metafísico já constitui um ato de fé em si e não apenas se serve da fé como ponto de partida.

Qual o sentido da palavra fé?

Em sentido mais amplo significa um ato intelectual dirigido pela vontade, pelo qual a pessoa ultrapassa os limites restritos da razão para penetrar mais a fundo na realidade. A fé neste caso é uma espécie de faculdade "metafísica", um passo legítimo apoiado na razão, mas qualitativamente superior, pelo qual o homem rompe a camada "fenomenológica" da realidade para se aproximar da sua essência e do centro de consistência de todo o real. Enquanto conhecimento racional representa o exercício de uma faculdade. Apenas o conhecimento proporcionado pela fé corre por conta da pessoa como todo. Enquanto o ato racional revela aspectos e detalhes de realidade, o ato de fé revela a totalidade do ser. O conhecimento racional é analítico, mas o ato de fé é sintético. Por isso, razão e fé não se opõem, mas se complementam por convergência. Todo ato de fé representa pela sua própria natureza uma opção, uma decisão

preliminar e concomitante da vontade livre. De sorte que se pode dizer que o âmbito da fé coincide com o da liberdade. O conhecimento racional se apóia na evidência imediata, mas o ato de fé cria a evidência, porém não se apóia nela em sua origem. Crer é ver o invisível. Constitui, portanto, essencialmente um ato de visão, mais profundo e poderoso que o simples ato de conhecimento racional. Em sentido cristão o ato de fé significa o abandono da pessoa toda à inteligência e à vontade de Deus. Por ele constitui-se um relacionamento interpessoal entre o homem e Deus. Não se pode crer sem entregar-se livremente ao OUTRO, que é Deus. Não se pode crer sem abandonar, sem renunciar, sem deixar para trás o mundo da razão, sem, no entanto trair em momento algum o campo da razão. O ato de fé é irracional, ou melhor, transracional ou supra-racional, e precisamente por isso é mais racional do que o simples exercício da razão.

O âmbito da fé coincide com o da liberdade. Deus se manifestou ao homem livremente. Só uma resposta livre por parte do homem é adequada ao relacionamento fundamental que liga o homem e Deus entre si.

A faculdade ou órgão espiritual responsável pela atitude de fé é a consciência, que é essencialmente um órgão relacionador, um órgão de síntese. A consciência proporciona um tipo de conhecimento diferente da inteligência simples e pura. A consciência liga elementos esparsos e isolados, formando com eles um todo, assim como a visão apresenta um quadro totalizado dos fragmentos de realidade que os olhos nos proporcionam. Essa totalidade é obra da consciência que os olhos nos proporcionam. Essa totalidade é obra

consciência e portanto não possui os mesmos aspectos para todos. Cada um apreende a realidade à sua maneira. Assim cada ato de fé constitui uma maneira pessoal de síntese da realidade. Pela consciência nós nos colocamos em relação subjetiva face à realidade, transformando os seus elementos objetivos, dando-lhes uma versão e uma interpretação tipicamente nossa. Assim, cada um em relação a Deus pode com a razão dizer: Meu Deus. Deus só se manifesta de forma diferente em cada homem em particular, mas cada homem em particular constrói uma imagem pessoal, típica de sua deste Deus. O mesmo vale para a imagem que cada um de nós vier a fazer do mundo em que vive e do semelhante com o qual convive.

A função da consciência consiste em fornecer-nos um panorama da realidade, marcado e delimitado por horizontes. O campo da consciência representa o espaço espiritual, psicológico, moral e religioso, dentro do qual nos movimentamos e nos realizamos como pessoa humana. Este espaço é subjetivo, marcadamente subjetivo e individual. Amplitude maior ou menor de horizontes, riqueza de detalhes, lucidez e intensidade de apreensão caracterizam o grau maior ou menor de desenvolvimento de consciência.

O papel psicológico da consciência consiste em refletir todos os elementos da realidade proporcionados a um centro que é a própria pessoa de cada um. Pela consciência somos constituídos dentro da realidade por nós apreendidos. Este fato é de máxima importância não só do ponto de vista psicológico, mas principalmente do ponto de vista religioso e moral. Relacionado com o dado está o papel da consciência moral. A autonomia moral não seria

nem possível, nem legítima se o homem não representasse de fato, também no plano objetivo, um centro último de referência, a fonte última da sua própria responsabilidade. Em outras palavras, se não fosse sujeito de suas próprias ações, sujeito último e portanto, absoluto, embora não o único.

Absolutamente importante e decisivo para a vitalidade da fé, o vigor da consciência e a correta imagem de si são elementos prioritários em qualquer processo educativo, digno de merecer a nossa atenção.

Sendo um ato integral da totalidade da pessoa, o seu "objetivo" só pode ser uma outra pessoa. Em outras palavras, o ato de fé é um ato essencialmente relacional e interpessoal. Por esta razão pode-se afirmar que crer é amar, no sentido de que todo amor começa com o ato de fé.

Crer não é um exercício acadêmico, onde se manipulam relações abstratas; mas é vivência, contato mais profundo com a vida, é encontro com o imprevisível, é aventura. "Caminhar na fé" não significa trilhar estradas batidas, mas abrir estradas em terra virgem e inexplorada. A dinâmica da fé e a criatividade que lhe são próprias se opõem diametralmente ao dogmatismo e à tirania ideológica. A teologia, como ciência da fé, é mais uma vivência e experiência da fé no plano concreto da vida do que exercício acadêmico.

"Caminhar na fé" é ir ao encontro de uma plenitude cada vez maior, de uma felicidade crescente, dia-a-dia mais próxima da Plenitude Definitiva. Fé e esperança são, portanto, duas faces da mesma realidade, dois aspectos diferentes da mesma atitude fundamental.

democracia e desenvolvimento

Dalmo A. Dallari

Democracia e desenvolvimento são dois temas que integram o elenco das "místicas" do mundo contemporâneo. Ambos têm sido obscurecidos e prejudicados pela utilização excessiva, nem sempre adequada e de boa fé. Não raro, democracia e desenvolvimento são invocados como justificativa para dar a aparência de opções teóricas a atitudes de mera conveniência de indivíduos ou de Governos, sendo frequente essa invocação sobretudo para acobertar decisões autoritárias ou francamente totalitárias.

Tem sido comum, no mundo contemporâneo, a alegação de que é preciso, antes de tudo, promover o desenvolvimento econômico, para que depois se possa ter democracia. Os teóricos que adotam essa posição querem dar a aparência de que são democratas e que, apesar disso, abrem mão da implantação imediata e geral da democra-

cia por não considerarem possível conciliar um sistema democrático com uma sociedade economicamente fraca.

Há, entretanto, dois pontos fundamentais que tornam inaceitável a proposta de primeiro desenvolver para depois democratizar. Em primeiro lugar é indispensável não esquecer que no conceito de democracia estão implícitos valores fundamentais da pessoa humana, como a liberdade e a igualdade. O prejuízo desses valores sacrificados a própria dignidade do ser humano bastando lembrar esse ponto para que se possa concluir que a atitude de liberdade no sentido de prejudicar a democracia, ainda que sob pretexto de fazê-lo apenas temporariamente, é essencialmente antidemocrática.

Outro ponto importante que deve ser considerado, tendo por base a experiência histórica, especialmente associativa de distribuí-la. E aqueles conseqüências da revolução industrial,

a acumulação de riqueza nas mãos de uns poucos só traz benefícios para os poucos e acaba gerando uma situação político-econômica inimiga à democracia. Com efeito, tem sido evidente a demonstração de que, em um meio social um grupo com poder econômico muito superior acaba por utilizá-lo para obter o domínio político e, através deste, cria mecanismos destinados à preservação mesmo ao aumento de sua riqueza. Esse comportamento está contida, necessariamente, a negação da igualdade e a conseqüente sufocação da liberdade em todas as suas expressões, evitar que se torne mais viva a consciência das desigualdades e para evitar manifestações e reações que possam em risco a segurança dos oligarcas. Alguns adeptos dessa prévia distribuição de riqueza, sem preservar os princípios democráticos, chegam a adotar que ela conduz a resultados inaceitáveis, reconhecendo como inevitável essa orientação conduza à acumulação de riqueza nas mãos de uma minoria privilegiada. Alegam, portanto, que tal situação terá caráter próprio, seguindo-se a ela uma fase em que o cuidado primordial será a distribuição da riqueza acumulada, eliminando-se a discriminação injusta.

Essa argumentação fica, entretanto, vazia, pela observação de que será preciso que, num determinado momento, alguém decida que chegou a hora de distribuir a riqueza e promova a distribuição. As lições da História demonstram que um grupo privilegiado jamais reconhece que é tempo de abrir mão de seus privilégios, sendo absolutamente improvável que os detentores da riqueza acumulada tomem a iniciativa de distribuí-la. E aqueles não foram beneficiados pela acu-

mulação econômica normalmente não dispõem de poder político e, conseqüentemente, não têm como determinar, por meios pacíficos, que se proceda à distribuição da riqueza, sendo raros os casos em que isso foi conseguido por meios violentos. E quando ocorre esta última hipótese é grande o risco de que os líderes da ação violenta estabeleçam, a seu favor, outras formas de discriminação, igualmente antidemocráticas.

Como fica demonstrado, sacrificando-se a democracia em favor do desenvolvimento cria-se, fatalmente, um mecanismo antidemocrático, que por sua própria natureza jamais procurará favorecer a implantação da democracia.

Na realidade, democracia e desenvolvimento são perfeitamente compatíveis, devendo-se ter sempre o cuidado de preservar, antes de tudo, os valores e princípios democráticos, ainda que isso implique no desenvolvimento menos acelerado. Não há qualquer exemplo histórico demonstrando que a democracia impeça o desenvolvimento, havendo, pelo contrário, eloquentes demonstrações de que a preocupação excessiva com o desenvolvimento sufocou a democracia. Mas se por acaso for necessário, efetivamente — o que é pouco provável — optar entre a democracia e o desenvolvimento, o verdadeiro democrata só tem um caminho: fica com a democracia.

O Professor Dalmo A. Dallari ensina Teoria Geral do Estado na Faculdade de Direito da USP, e é presidente da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo.

o mundo do trabalho

LUZES...

Um dos "sinais dos tempos" é, sem dúvida, a valorização do trabalho, enquanto obra característica do homem e meio de realização pessoal. Transformando a natureza, o homem torna-se mais homem. Por isso, a civilização do trabalho projeta novas luzes sobre a vocação do homem de ser o artífice do seu próprio mundo:

O **progresso técnico**, colocando sempre mais a matéria a serviço do homem, o faz de fato senhor da natureza. Cria condições novas para uma vida humana mais digna.

A **consciência da dignidade** do trabalho e do trabalhador, que, pelo menos teoricamente, se vai aprofundando e difundindo.

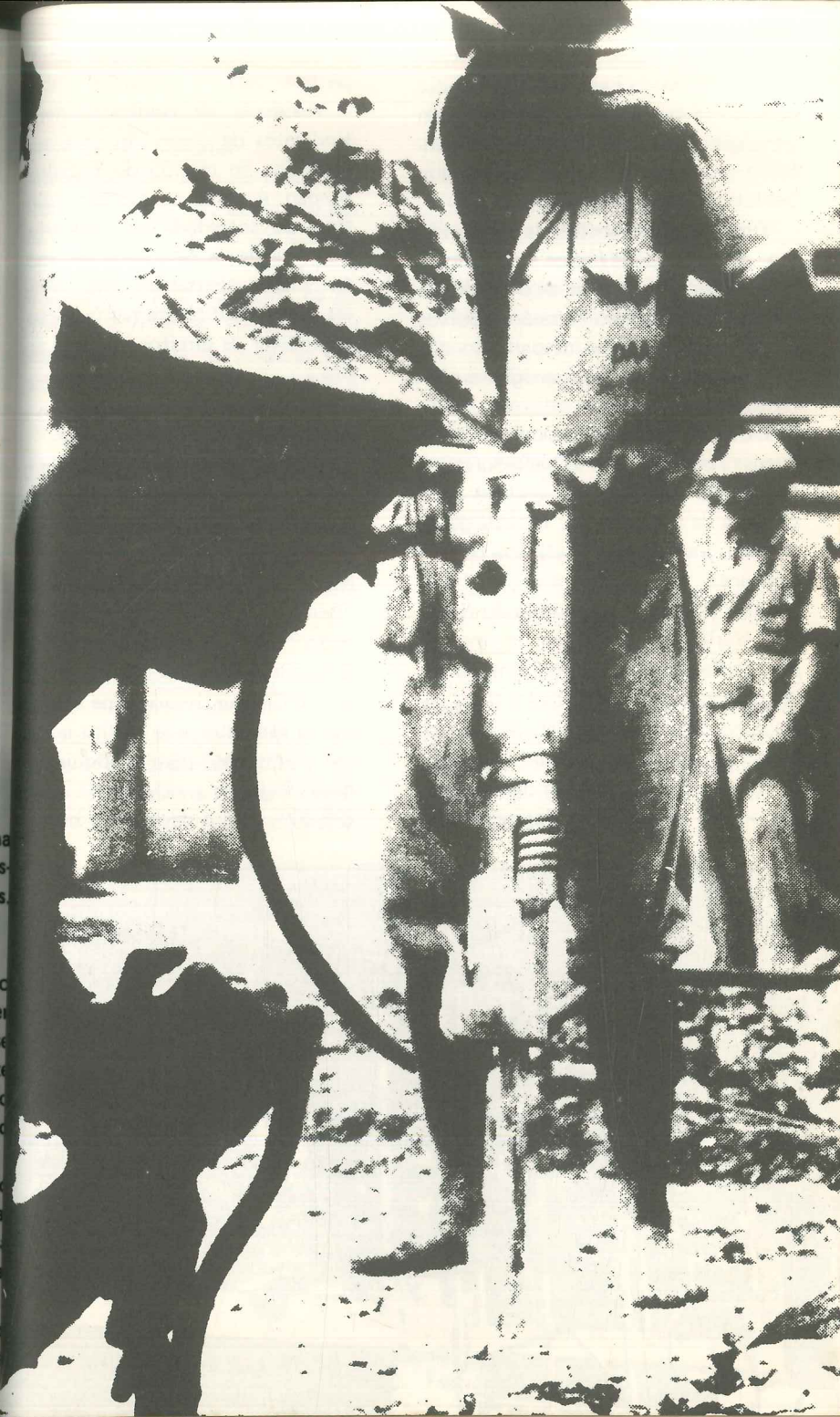
As **legislações trabalhistas**, que, na maioria dos países, regulamentam e asseguram os direitos dos trabalhadores.

... E SOMBRAS

Por causa da condição pecadora do homem, o trabalho, que deveria ser uma atividade espontânea e alegre, se torna duro e penoso, injusto e fonte de injustiças. Assim pairam sobre o mundo do trabalho, também em nosso País, muitas e pesadas sombras.

Um **legado negativo**. A exploração do braço do índio e do escravo africano representa páginas tristes da nossa história e seus vestígios ainda não desapareceram.

Urbanização indisciplinada. O engodo das cidades e dos centros de indús-



trias vem provocando o êxodo rural, fazendo inchar as periferias das cidades gerando desemprego e deixando em condições precárias de saúde, alimentação e habitação, muitas pessoas sem habilitação para o trabalho.

Distorções da sociedade de consumo. A ganância de lucros sem freios e uma requintada técnica de publicidade geram a manutenção de salários baixos e, por outro lado, o desperdício dos magros proventos em artigos superfluos.

Difíceis perspectivas. Para uma imensa maioria de trabalhadores, o mundo do trabalho não oferece perspectivas de ascensão por falta de participação, inexistência, ineficácia ou cerceamento de organismos de classe.

Discriminações no mundo do trabalho. Verifica-se entre nós um mal de proporções amplas, a discriminação em vários aspectos: sexo, idade, tipos de trabalho. Especialmente grave é o problema do menor no trabalho. Enquanto muitos não encontram oportunidade, outros começam de forma prema-

tura, sem as necessárias condições especiais, justa remuneração. . .

Ausência de sindicatos livres. Os sindicatos de classe são uma conquista básica no mundo do trabalho. Sua função é uma necessidade vital no tipo de sociedade em que vivemos. Sua existência não pode ser reduzida ao mero assistencialismo. Precisam ser livres e suficientemente fortes para reivindicar os direitos dos seus associados.

TEOLOGIA DO TRABALHO

Embora o trabalho não seja o fim ou o valor supremo da vida humana, no entanto, tem valor em si mesmo e é querido e abençoado por Deus. É vocação do homem "construir o mundo", "dominar a terra" com o suor de seu rosto (Gên 1,3) segundo o mandato de Deus. Pelo trabalho o homem coopera com o Criador, imprime na matéria sua marca espiritual e se realiza como pessoa, "enquanto para si adquire tenacidade, engenho e espírito de invenção" (PP 27). Daí o dever de o homem as-

pir na alegria o trabalho, e o direito do trabalhador a condições dignas e justas para trabalhar.

Trabalho, serviço fraterno

Todo e qualquer tipo de trabalho é uma forma de prestação de serviço aos outros. Para a maioria dos homens, seja qual for a forma básica de ser útil aos demais, é uma forma de vida, vivida em comum, na esperança, no sofrimento, na aspiração e na alegria partilhada, o trabalho une as vontades, aproxima os espíritos e dá aos corações: realizando-o, os homens descobrem que são irmãos" (PP 27). Revela assim a natureza social e fraterna dos homens.

Fora desse contexto, o trabalho que promete dinheiro, gozo e prazer, se transforma em meio de ascensão (PP 28).

Na raiz de certos sistemas econômicos e sociais, há essa concepção do trabalho que, longe de contribuir para a libertação e realização do homem, ou alimentar o sentido do dever e da dignidade, o torna desumano e opressor.

Trabalho, culto a Deus

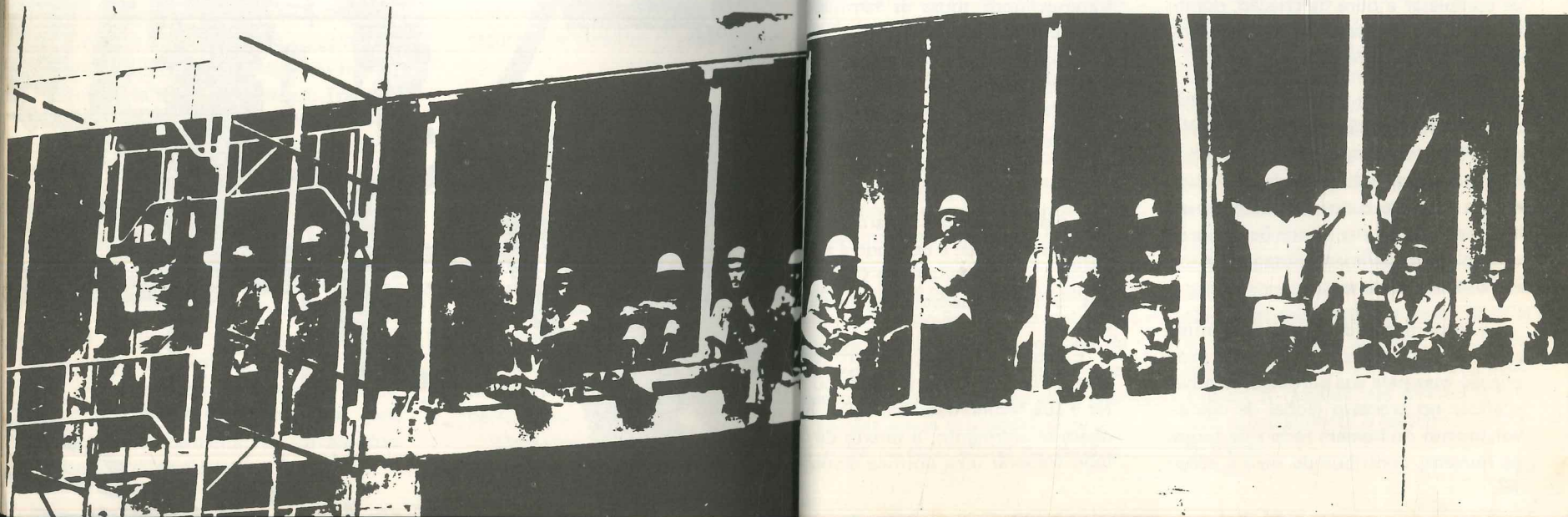
Transformando a natureza pelo próprio trabalho, o homem dá continuidade à obra da criação e a devolve modificada a Deus, no louvor e na prece. E é uma forma de comunhão com Deus.

Trabalho, obra de salvação

Por isso, o trabalho não só aperfeiçoa solidariamente o mundo, como colabora na realização do plano salvífico de Deus em seu Filho Jesus Cristo. Por sua Encarnação, Cristo assume todo o trabalho humano. O cristão sobretudo por seu trabalho contribui para a redenção do mundo e a recapitulação final de tudo em Cristo (Ro 8,18-23).

POSTULADOS DA JUSTIÇA

Em todos os campos, a justiça é virtude básica e indispensável. No campo do trabalho, onde se trata de estabelecer com equidade as relações entre o trabalho e o capital, devendo o capital ficar sempre a serviço das pessoas e, portanto, do trabalho e vice-versa, o postulado da justiça se torna mais insistente e urgente. ■



fecundidade responsável

Selma e Helio Amorim

Deus atribuiu ao homem a missão de completar a obra da criação, dominando todas as coisas criadas e povoando a terra. "Sede fecundos. . .".

No princípio, a fecundidade se limitava à sua dimensão puramente biológica. No atual estágio de desenvolvimento da humanidade, ser fecundo significa, antes de tudo, formar pessoas, irradiar a vida, criar condições favoráveis ao desenvolvimento integral de todos os seres humanos.

A fecundidade do casal e da família se medirá, portanto, não só pela procriação mas pela sua participação ativa e eficaz no processo global de desenvolvimento do homem todo e de todos os homens, contribuindo para a cons-

trução de uma sociedade mais justa e fraterna, onde todas as famílias possam ser realmente famílias.

A Igreja propõe aos casais, critérios exigentes para o exercício responsável da fecundidade biológica fundados na necessidade de se assegurarem, aos filhos, condições espirituais, morais, físicas, materiais e psíquicas mínimas para o desenvolvimento harmonioso da sua personalidade e de modo a resguardar-se a sua dignidade de seres humanos, criados à imagem e semelhança de Pai.

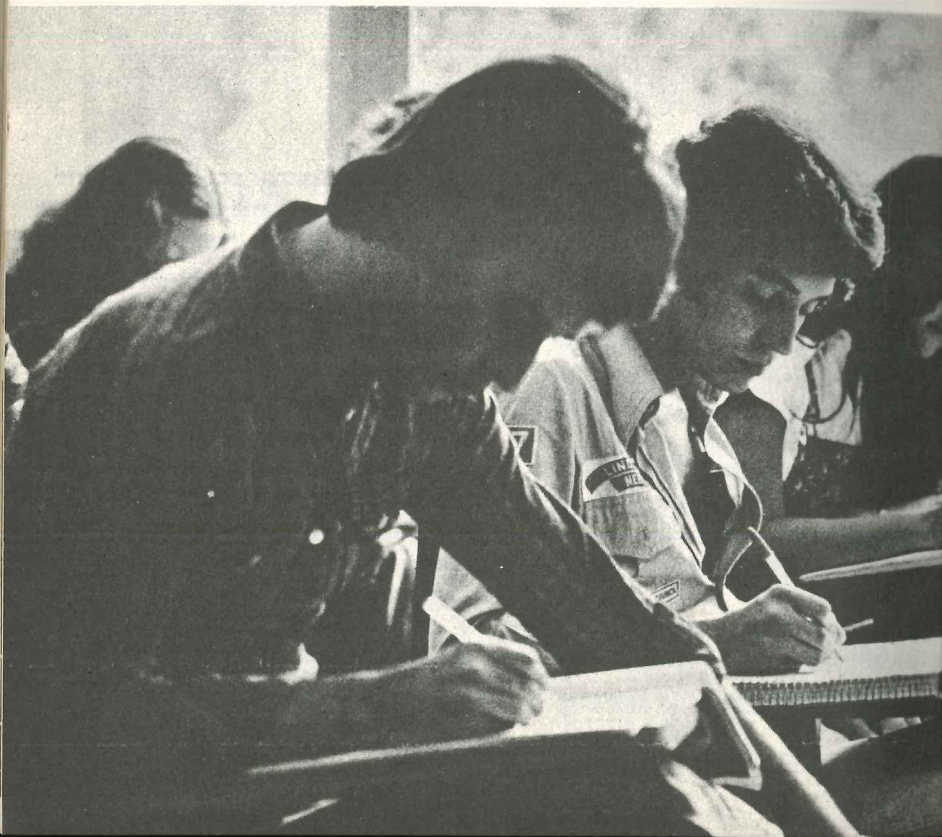
É, assim, o casal, o primeiro responsável pela decisão de procriar ou limitar a sua fecundidade biológica. Reconhece-se entretanto, o direito de o Estado elaborar uma política demográfica

orientada para o bem comum, que respeite a liberdade do casal. A este, devem ser asseguradas informações corretas que permitam a formação da consciência quanto à repercussão da decisão sobre o bem da comunidade; ao mesmo tempo, deve ser oferecida orientação honesta e eficaz sobre a regulação da procriação a todos os casais, segundo aqueles critérios para a fecundidade responsável, se sentem moralmente obrigados a limitá-la. Entretanto, é perfeitamente oportuno advertir, o poder público, sobre os riscos de uma política de controle da natalidade que vise à redução do crescimento demográfico, sobre cujos efeitos pairam ainda profundas divergências entre os especialistas na matéria.

É ilícito supor-se por ora, que influências estranhas aos interesses do País e contrárias ao bem do nosso povo, possam vir a condicionar ou inspirar a formulação de programas concretos neste setor. De qualquer forma, tais programas jamais deverão ser adotados sem prévio e amplo debate público que envolva todos aqueles que tenham algo a manifestar sobre matéria de tão alta relevância para os destinos da nação.

Os cristãos, iluminados pelo Evangelho, tem o dever de exigir do Poder Civil uma sadia política social familiar e de participar de sua elaboração, orientando-a para o bem comum, acentuando o respeito aos direitos humanos, especialmente o respeito e o direito à vida.

família e juventude



O Movimento Familiar Cristão fez a pesquisa, em todo o continente latino-americano. Essa pesquisa tinha, como uma de suas finalidades, detectar a problemática familiar no continente. A tabulação das respostas enviadas cobriram-se ângulos interessantes da problemática. Parece-nos que os dados que agora transcrevemos, proporcionarão uma reflexão proveitosa e possivelmente desinstaladora.

Em 1º lugar foi analisado o questionamento que a juventude de hoje faz à instituição familiar, tanto em sua dimensão civil quanto em sua dimensão religiosa.

Ficou constatado que:

Esse questionamento não é exclusivo dos jovens; trata-se de um questionamento do mundo de hoje a todas as instituições e não apenas à instituição familiar.

Baseia-se o questionamento à instituição familiar no fato de que a família institucionalizada, tal como existe hoje, não responde aos problemas globais da sociedade e não responde, especialmente, aos problemas de uma sociedade em mudança.

Ante a afirmação tantas vezes encontrada de que a instituição familiar mata o amor, chega-se à conclusão de que a busca de maturidade e de estabilidade no amor deve ser sempre o fundamento real de toda família. Acontece no entanto, que, se a família se apoia apenas na segurança da instituição, como sucede tantas vezes, o amor é destruído.

Percebe-se isto vivamente nas famílias camponesas que não querem institucionalizar sua união porque acreditam que essa institucionaliza-

ção é um perigo e pode desfazer a família já constituída.

Quanto às causas desse questionamento à globalidade das instituições, observou-se que:

- Toda instituição torna-se incapaz de responder às exigências da realidade, num mundo como o nosso, formado por mudanças rápidas e profundas;
- Na maior parte das vezes, a recusa da juventude em aceitar a instituição familiar demonstra que ela não deseja repetir, na sua própria vida, o modelo de família que lhe coube viver;
- Existe, além disto, no ambiente, uma grande deformação do conceito de amor. Sob a influência dos meios de comunicação ele é confundido, geralmente, com erotismo e libertinagem, o que faz surgir, em toda parte, critérios anti-familiares e indicações que levam a viver o amor independentemente da aceitação de qualquer institucionalização familiar. Esses meios de comunicação social, manipulados pela sociedade de consumo, criam necessidades artificiais que dão origem a uma luta competitiva que desumaniza e torna difícil a paz na família.

Quanto à força de convencimento desse questionamento ficou claro que a juventude sempre questionou, de um modo ou de outro, a instituição familiar de seu tempo. Hoje, no entanto, esse questionamento adquire nova força porque a juventude tem, como grupo social, uma palavra decisiva na sociedade, na criação da opinião pública e influencia até mesmo a formação das leis sociais.

Os valores que motivaram as respostas dos grupos entrevistados estão implí-



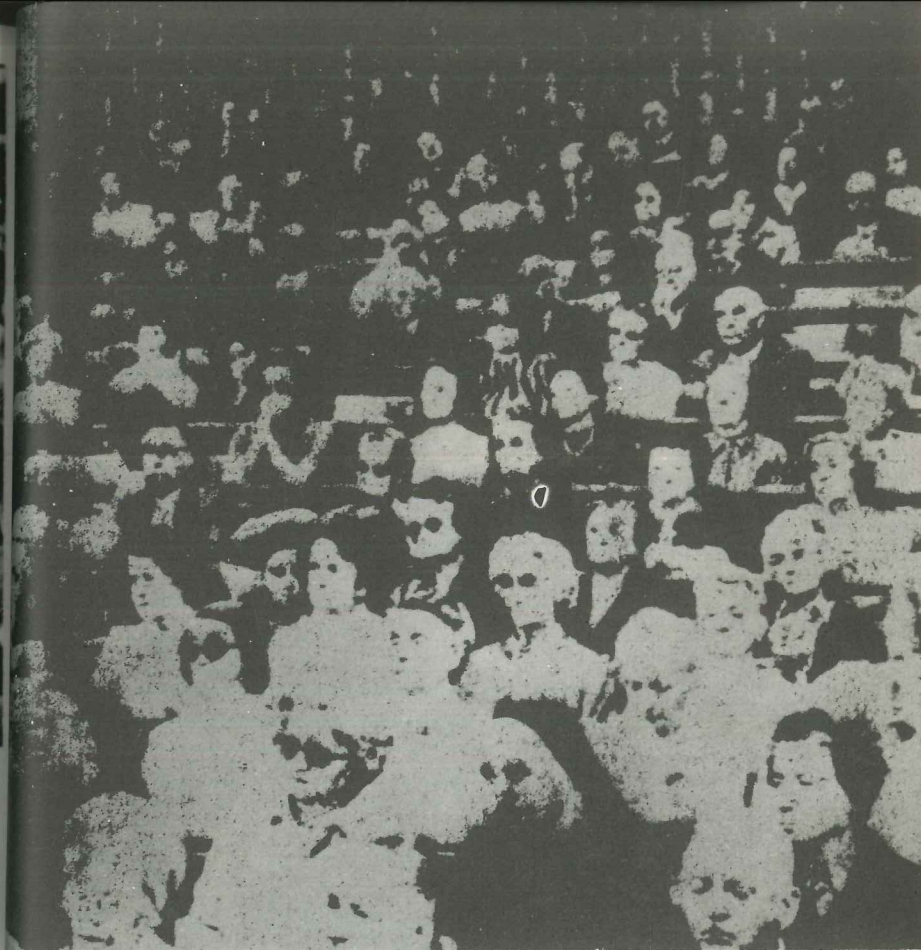
citados nas seguintes afirmações, deduzidas das respostas tabuladas:

- Não se admite a necessidade de instabilidade, para que o amor possa ser vivido de modo válido. Os grupos entrevistados opinam que, para ser verdadeiro e autêntico, o amor deverá tender, dia-a-dia, à estabilidade e à maturidade sempre crescentes e jamais plenamente alcançados.
- Admite-se o valor da instituição como base para se viver um amor estável e para se dar uma dimensão social ao amor familiar. Pergunta-se, no entanto, o que será, realmente, uma instituição, e não se afirma que todas as formas de instituição familiar sejam válidas. Afirma-se ainda que a instituição não se confunde com algo indefinidamente contínuo: qualquer instituição pode permanecer embora

seus estilos ou formas de realização variem.

- Afirma-se, que por si mesma, a instituição não salva nem a família e nem o amor e que este está acima da instituição. É, por isso, necessário lutar para que a vida da família se fundamente num amor real e autêntico.
- Afirma-se, por último, que o sacramento não pode ser considerado como forma social de institucionalização da família; deve ser considerado como vivência do amor dentro da opção de fé cristã: como sinal e participação do amor de Deus aos homens”.

Será que essa pesquisa não faz você pensar? Será que ela não o leva a valorizar seu amor, sua vida de família? Será que ela o faz descobrir sua própria responsabilidade como aglutinante de seu grupo familiar?



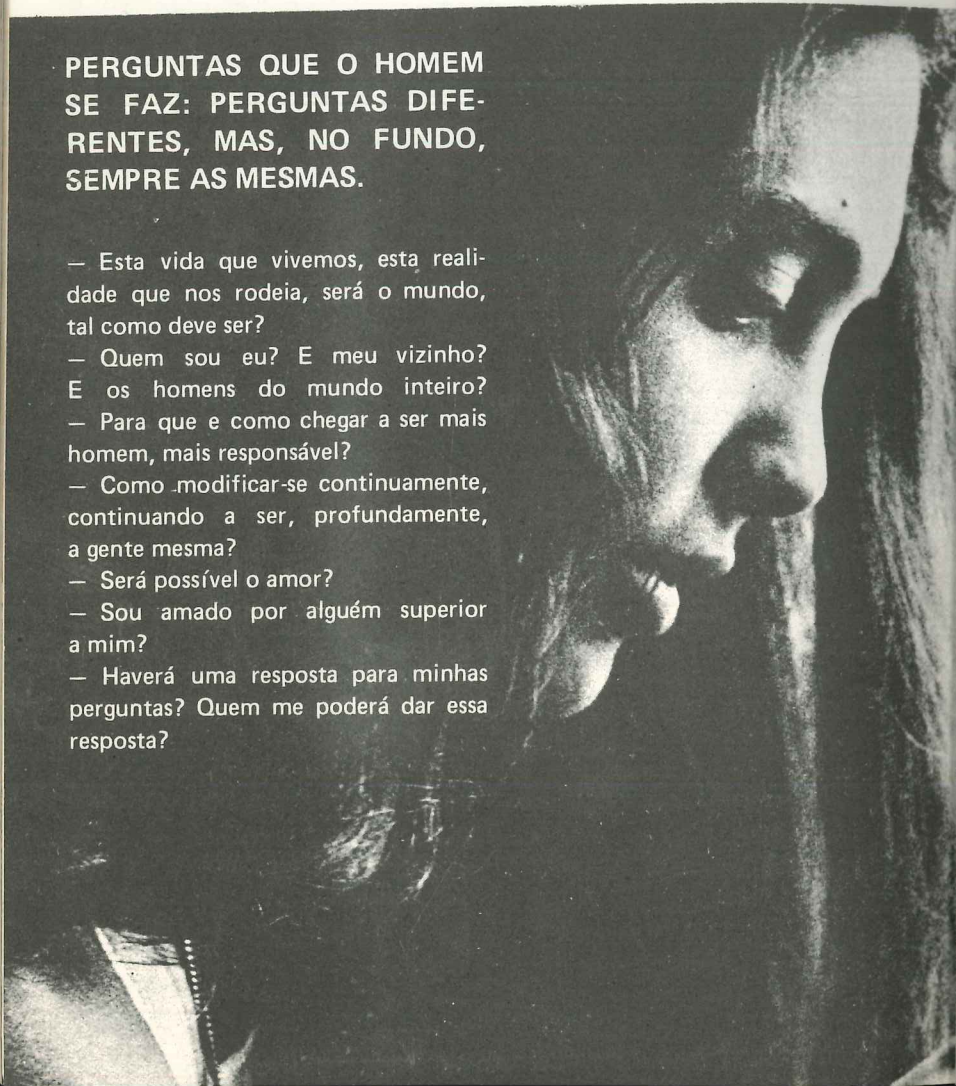
roteiros para reuniões e debates

- apresentamos, a seguir, diversos roteiros para reuniões e debates
- escolha dentre esses os temas que interessem ao grupo
- selecione as perguntas mais adequadas
- leia, com especial atenção neste número, artigos relacionados com os temas escolhidos
- escolha a dinâmica ideal para motivar o debate
- cada número da revista oferecerá outros roteiros e temas sempre atuais.

deve haver uma resposta

PERGUNTAS QUE O HOMEM SE FAZ: PERGUNTAS DIFERENTES, MAS, NO FUNDO, SEMPRE AS MESMAS.

- Esta vida que vivemos, esta realidade que nos rodeia, será o mundo, tal como deve ser?
- Quem sou eu? E meu vizinho? E os homens do mundo inteiro?
- Para que e como chegar a ser mais homem, mais responsável?
- Como modificar-se continuamente, continuando a ser, profundamente, a gente mesma?
- Será possível o amor?
- Sou amado por alguém superior a mim?
- Haverá uma resposta para minhas perguntas? Quem me poderá dar essa resposta?



será que pode ser diferente?

Ana Maria Tepedino

"Que calor! Por que essa conferencista não começa logo esse papo? Me tirar da TV para ouvir palestra de colégio é desumano. E numa noite abafada como o inferno! Minha mulher me paga! E ainda por cima a coisa hoje está cheirando a caticismo. Ah! Até que enfim! Ela resolveu começar. Agora é rezar pra acabar depressa".

Educar na fé é amar, deixar-se amar, fazer o outro sentir-se amado. Pois só quem já se sentiu amado pode entender que Deus é amor.

Educar na fé é criar condições para que a pessoa descubra o bem, o belo, a verdade, o amor. Fazer despertar. Fazer brotar. Fazer crescer. Depois revelar que o Bem, o Belo, a Verdade, o Amor é Deus.

Educar na fé é fazer as pessoas descobrirem o Mistério de Deus. Deus ama o homem, ama o mundo. Quer que o homem seja mais homem e o mundo mais humano.

Num mundo em que a ciência e a técnica se apresentaram muitas vezes como salvadoras, como solução para os problemas do homem e falharam, os cristãos se esquecem de falar e de viver a salvação trazida por Jesus Cristo.

"Eu sou técnico, gosto da Técnica, e não acho que estou falhando. Que seria do mundo sem o desenvolvimento da ciência? Que é que ela tem contra os técnicos que estão se esforçando para melhorar o mundo?"

Que salvação é esta? Jesus Cristo se encarna, se faz um de nós num homem de carne e osso, que teve fome, sede, fica cansado, se alegra, chora, teve medo diante da morte, em tudo igual a nós exceto no pecado. Deus, entra na história dos homens para nos mostrar como viver para sermos felizes.

Educar na fé é fazer conhecer Jesus Cristo e o mundo dele se tornar o centro de nossa vida. E fazer compreender que é neste provisório em que vivemos que se encontra Deus. Foi o homem Jesus quem nos revelou Deus. E revelou que Deus é Pai. E que nós temos que procurar viver como irmãos. É através do outro que encontro Deus. Este é o plano de salvação de Deus que atinge todos os homens e todo o mundo.

"É muito bonito falar que somos todos irmãos. Mas vai viver isso na tua vida de todo dia! Vão te passar pra trás sem te pedir licença. Ela não sabe o que é a vida. . . Se a gente não almoçar os caras, eles nos jantam!"

O plano de salvação é que os homens vivam em comunhão entre si e com Ele. Esta foi a revelação que Deus nos fez com sua vida.

Deus vivia em comunhão com o Pai pela oração e nesta vida de relacionamento profundo, de diálogo, encontrava forças para realizar sua missão. Jesus vivia em comunhão com todos com que se encontrava. Não tinha nenhum preconceito: nem social, nem cultural, nem religioso, nem político. Até as mulheres e crianças, repudiadas na época, eram objeto de sua atenção.

Educar na fé é ensinar a entrar em comunhão com Deus, ensinar que Este é o Pai, que nos amou, independentemente de sermos bons ou maus; que nos perdoa continuamente e que quer uma vida de intimidade conosco. Então, basta nos entregarmos a este amor. Como? Procurando ter uma vida de abertura como teve Jesus, sem preconceito de nenhuma espécie e procurando viver um compromisso concreto.

Num mundo onde impera o egoísmo, a injustiça, a miséria, o "salve-se quem puder", isto nos parece impossível.

"Agora ela está sendo realista. A lei do mundo é o "sal-

ve-se quem puder". E como é que ela quer que a gente saia dessa? É impossível. . ."

Mas não é impossível. Jesus veio ao mundo instalar uma nova ordem. O mundo condiciona ao fechamento, Jesus prega a abertura. O mundo condiciona ao egoísmo, Jesus prega a preocupação ativa com o outro.

Educar na fé é fazer a pessoa se abrir para o outro, para a justiça, para a vivência concreta do amor.

A salvação é um dom de Deus, que já começou em semente a existir na humanidade, quando conseguimos mesmo com deficiência nos abrir ao outro. Procurar mesmo em pequena escala viver a fraternidade, que só será plena no fim dos tempos.

"Que é que ela quer dizer com isto? Fraternidade em pequena escala? E vai haver mesmo esse fim dos tempos? Essa história sempre me impressionou. Minha avó dizia sempre que o fim do mundo estava chegando. Mas será que o mundo vai ter que acabar pra se chegar à fraternidade plena? Nunca entendi direito esse final!"

O importante é tentar viver a boa-nova, e na medida em que nos esforcamos, o Espírito Santo nos ajuda a ultrapassar as nossas limitações para entrarmos em comunhão com Deus e com os demais.

Educar na fé é se deixar modificar pela palavra de Deus, para descobrir sua vontade, ter coragem para viver sua verdade. Mas será que nós, a família colocada nesta posição de educadores na fé amamos suficientemente Jesus

isto, de modo que Ele seja realmente sentido de nossa vida?

Será que nós somos boa notícia? da terra? Luz do mundo?

Será que nós temos coragem de viver a radicalidade do evangelho que implica numa simplicidade de vida como foi dito ao jovem rico: "Larga tudo e segue-me?"

"Quem vai largar tudo que tem? Eu dou um duro danado pra juntar um patrimônio pra minha família e garantir a segurança dos meus filhos. . . e vou largar tudo, eu, sozinho. . . coisa que ninguém está a fim de fazer?. . . E se eu me meto a falar dessas coisas aí fora vão dizer que sou subversivo. . . nessa eu não vou entrar. . ."

Será que não nos apegamos demais ao provisório, esquecendo que o essencial é crescermos como gente para ajudar aos outros a crescerem também. ajudar aos pobres, aos marginalizados, os sem voz? Será que não nos acomodamos demais nessa religião desligada dos outros, só vivida aos domingos, espiritualizada e alienada, e nos esquecemos que a boa-nova é para o homem integral?

"Bolas. Eu sempre fui religioso. Vou à missa aos domingos e agora ela vem dizer que religião de domingo não vale?"

Os cegos vêem, os coxos andam e o evangelho é pregado aos pobres, os pecados são perdoados.

Educar na fé é viver na Esperança de ajudar a construir o mundo novo, a vida nova, o novo estado de coisas que Jesus inaugurou. É começar a construir o Reino de Deus, em germe, aqui e agora.

"É. . . não adianta. Para mim, a dose é muito forte. Vou pensar nisso tudo mas tenho a impressão de que o meu mundo é muito diferente desse que ela está mostrando. É um mundo duro, de competição e de luta, todo mundo querendo devorar o outro. Não é um mundo bom. Eu queria que não fosse assim! Mas. . . será que pode ser diferente?"

CONSIDERE OS PONTOS APRESENTADOS SOBRE A EDUCAÇÃO NA FÉ E A REAÇÃO DO PAI CONTRARIADO.

- Quais as maiores dificuldades que se encontram para transmitir a fé aos que não a tem?
- O regime de competição entre os homens pode torná-los fechados, à mensagem evangélica?
- O exagerado apego aos bens materiais e ao sucesso social pode ser outro motivo de fechamento?
- O medo de repressões pode levar à omissão de muitos ante o compromisso com a justiça como opção de fé?
- É comum as pessoas evitarem envolver-se em questões que dizem respeito aos direitos humanos, para evitarem problemas para a sua família?
- A falta de compromisso efetivo do cristão com a justiça e a fraternidade pode ser um grande obstáculo à transmissão de sua fé?
- Quais as condições que o cristão deve desenvolver para ser agente eficiente de evangelização?

quem sou eu?

Solicitados por mil problemas, quase não temos tempo para nos fazermos perguntas fundamentais:

- Quem sou eu?
- Qual o sentido de nossa vida?

Fugimos ao conhecimento do nosso interior, sem percebermos que o encontro com o nosso "Eu" é totalmente necessário.

Conhecemos tantas coisas, mas o nosso interior permanece desconhecido.

Deixamo-nos reduzir aos papéis que desempenhamos:

"Meu nome é. . ."

"Trabalho em. . ."

"Sou casado" — sou esposa e mãe...

"Somos pais de três filhos"

"Sou patrão" — "Sou empregado".

E isso não é suficiente.

Já não nos sentimos "nós mesmos" mas os personagens que representamos na vida social, profissional, familiar.

Estamos desconectados do nosso ser íntimo, quase inexplorado.

A superficialidade é, assim, o grande mal em nossa vida.

Quando surge, entretanto, qualquer momento de encontro e reflexão, voltam a martelar-nos as perguntas que evitamos fazer em nossa vida agitada ou dispersiva:

- Quem sou eu?
- Qual o sentido de nossa vida?

Para enfrentarmos essas questões vitais, terão que se alternar momentos de silêncio fecundo e tempo de diálogo e confronto.

Na família, de um modo todo especial, o diálogo e o confronto entre o homem e a mulher, os pais e os filhos.

Suas relações costumam ser também superficiais. Deixam-se dominar frequentemente pela rotina que esvazia a verdadeira comunicação.

Falta a abertura ao outro.

Ou confundimos as pessoas do outro com o seu "papel": de marido, de esposa, de filho, etc.

As relações familiares e conjugais se tornam então, manipulação, instrumentalização — porque não se respeita o outro como pessoa humana, livre e original.

ALGUMAS PERGUNTAS PARA A REFLEXÃO:

- Como cada um responderia a essas perguntas vitais:
 - quem sou eu? — não pelo que faço ou represento. . .
 - qual o sentido da minha vida?
- O que favorece, o que dificulta um maior conhecimento de nós mesmos e a descoberta de um sentido claro para a nossa vida?
- Quais as grandes e fundamentais aspirações de cada um?

ou-lhe a minha palavra



A palavra tem um papel insubstituível no encontro de pessoas — e especialmente do casal e da família.

O ser humano é palavra!

Nele, a palavra, o gesto, a presença física. . . tudo se torna simbolismo de comunicação.

Mas a palavra tende de um modo especial a exprimir de modo incomparável essa comunicação inter-pessoal que é vital à nossa saúde humana.

O gesto, a presença nem sempre são suficientes se falta a palavra.

Ora, a palavra pode ser apenas utilitária: se é usada apenas para as relações funcionais e o bom desempenho de nossos papéis. Mas pode ser revelação da pessoa.

Isto supõe a mútua **hospitalidade**.

Revendo um pouco as nossas relações, talvez percebamos que nelas predomina a palavra utilitária: falamos de dinheiro, sempre curto. . . de providências profissionais, domésticas, escolares, do atendimento a tais e quantos compromissos sociais, planejamos as coisas do dia-a-dia. . . e assim por diante.

Quase não utilizamos a **palavra-diálogo**, a palavra que nos revela ao outro, e que supõe acolhimento, hospitalidade.

Assim, torna-se igualmente superficial a nossa relação com Deus: utiliza-



rista, comercial (troca de "favores"...), quase chantagista!

E a palavra que deveria ser revelação, torna-se, tantas vezes, instrumento de simulação, mascaramento, hipocrisia.

A palavra terá sempre uma importância decisiva. Palavra que nos revela ao outro e nos ajuda a conhecermo-nos melhor a nós mesmos. Palavra que não simula nem constrói fantasias.

Não bastarão, assim, apenas o gesto, a atitude. É necessária a verbalização, a expressão dos nossos pensamentos pela palavra-revelação.

O grande desafio que hoje nos é feito, é a possibilidade de descobrirmos, em toda a sua amplitude, nossas potencialidades de relacionamento inter-pessoal como resposta a um impulso fundamental do ser humano, e que não pode ser suprimido sem consequências sérias para o seu equilíbrio psíquico e espiritual.

ALGUMAS PERGUNTAS PARA A REFLEXÃO:

- Usamos a palavra, mais habitualmente,
 - para resolver problemas. . .
 - para prestar informações. . .
 - para o exercício de nossas funções. . .
 - para simular. . .
 - para revelar-nos?
- São freqüentes as oportunidades
 - perdidas?
 - aproveitadas?
 - para nos revelarmos um-ao-outro uns-aos-outros
 - pela palavra-diálogo?
- Qual a função da palavra na transmissão da fé?
 - acessória?
 - essencial?

ser fiel é...

Sempre se deu o devido valor à fidelidade conjugal. . . da mulher! Quanto ao homem. . . Bem, afinal de contas, o homem é um homem! É preciso que se seja mais tolerante em relação à fidelidade masculina.

Não é assim que se pensava no passado?

Se um homem de bom sangue latino, ao se contemplar no espelho, percebia qualquer vestígio de protuberâncias se insinuando em sua testa logo tomava a decisão de lavar com sangue sua honra, única fórmula geralmente aceita para tal depuração. . .

A recíproca nunca foi verdadeira!

A hipócrita convivência de respeitáveis famílias do passado com as ligações extra-conjugais dos maridos era fato mais ou menos comum. Desde que se salvassem as aparências, é claro. Aquela velha dupla moral que ao homem tudo permitia, enquanto à mulher. . .

Aliás, vamos confessar: ainda hoje há um bom resíduo do velho machismo dos nossos antepassados. . .

Como seria o quadro da fidelidade conjugal em nossos dias?





Excluindo-se as supostamente divertidas piadas com que alguns humoristas mais cínicos tentam disputar prestígio popular e IBOPE, às vezes até com algum sucesso, pode-se acreditar que as pessoas, em geral, jamais deixam de considerar a fidelidade como um valor do casamento. Mesmo aquelas que não o vivem.

O que parece haver de novo a esse respeito só pode ser encarado com otimismo.

Deixando-se de lado estatísticas de discutível valor científico sobre se há mais ou menos fidelidade conjugal em nosso tempo, percebe-se que esse valor é hoje entendido na sua verdadeira dimensão.

Antes de tudo pela progressiva superação daquela dupla moral. Espera-se agora **reciprocidade** na fidelidade.

E já não se reduz a fidelidade conjugal apenas ao mandamento decorado

nas aulas de catecismo: "não desejar a mulher do próximo..."

A fidelidade é finalmente entendida, por muitos, em sua dimensão mais abrangente. É o resumo e a globalização das responsabilidades que o amor supõe.

Não enveredar por aventuras extra-conjugais constitui apenas um limitado aspecto particular de responsabilidades muito mais amplas.

Não é suficiente para que alguém considere fiel ao seu casamento.

A fidelidade conjugal, como hoje, muitos entendem, envolve a capacidade de doação total e irrestrita; a responsabilidade livremente assumida pelo bem global do outro e por sua promoção integral como pessoa humana é uma bela imagem, portanto, da fidelidade de Deus ao seu Povo.

ALGUMAS QUESTÕES PARA O DEBATE:

- Quais os conceitos de fidelidade conjugal que predominam no ambiente em que vivemos?
- Que exigências supõe a fidelidade conjugal entendida em sua dimensão mais ampla e abrangente? Somos coerentes com essa visão?
- Que fatores contribuem, no nosso meio, para a realização da fidelidade conjugal assim como a entendemos?
- Que fatores internos e externos conspiram contra essa fidelidade?
- Que se poderia fazer, concretamente, para que a fidelidade fosse entendida e pudesse ser vivida por nós mesmos e por muitos, na dimensão em que a definimos?

Igualdade na diversidade

Estabelecia-se, então, uma relação de dominação-dependência aparentemente tranqüila, estável e funcional.

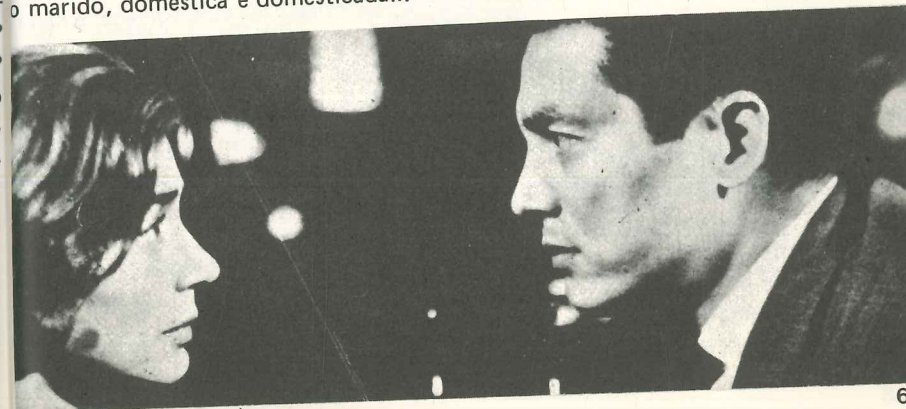
Não havia dissensões violentas, confrontos explosivos, discussões inflamadas.

Se o homem mandava e à mulher só cabia obedecer... as coisas eram bem mais simples!

Bons tempos...

Bons tempos?!

Não convém acreditar muito neste quadro de aparente harmonia e felicidade... Essa paz enganosa escondia, muitas vezes, terríveis frustrações.



Uma união conjugal caracterizada por esse binômio dominação-dependência é freqüentemente uma relação doentia, que tende a matar o amor. Esteja a dominação do lado masculino ou feminino, os efeitos serão igualmente desastrosos.

O dominador esvazia pouco a pouco o parceiro dominado, despersonaliza-o a tal ponto que não conseguirá mais amá-lo.

A dependência pode configurar uma espécie de simbiose absurda, em que o dependente tenta viver, respirar e pensar através do dominador!

O casamento moderno já não pode tolerar tal tipo de relação.

O que hoje deve caracterizá-la é a **igualdade na diversidade**, é a paridade entre homem e mulher. É o equilíbrio de direitos, deveres e responsabilidades, embora possam ser diferentes os papéis que se propuseram assumir no seu projeto de vida-a-dois.

A liderança é emergente. Desloca-se entre o homem e a mulher de acordo com as circunstâncias.

Este quadro relativamente novo de paridade entre o homem e a mulher, no casamento, parece que já é aceito — ou pelo menos entendido — por quase todos.

Mas... a pesada herança cultural que nos transmite quase imperceptivelmente a gloriosa imagem do macho dominador, ainda influi sobre o comportamento de muitos homens.

Ainda mais porque imersos numa sociedade competitiva, opressora, despersonalizante, sentindo-se esmagados e ameaçados, controlados e inseguros em sua vida profissional social e política, tentam muitos homens, inconscientemente, reproduzir nas relações

familiares esse mesmo tipo de opressão que vivem fora de casa.

Só que se tornaram mais disfarçados e sutis as formas de dominação. É preciso estar atento, para percebê-la, identificá-la e neutralizá-la, sempre que se insinua nas relações conjugais familiares.

Se vemos, no outro, sempre, uma pessoa humana que tem o direito de ser original, que não temos o direito de manipular nem moldar "à nossa imagem e semelhança", que deve ser aceita tal como é — e não como gostaríamos que fosse — estaremos no caminho do provável sucesso.

E estarão sendo afastadas, em nossas relações, o autoritarismo, o egocentrismo, o arbítrio, a intimidação, o controlismo — e até certos tipos de chantagem afetiva com que os impenitentes dominadores perseguem, cegamente, a morte do próprio amor.

ALGUMAS QUESTÕES PARA O DEBATE:

- Seria possível apontar formas ostensivas ou sutis de dominação que ainda hoje se percebem em nossas famílias? Na vida conjugal e na relação dos pais com os filhos?
- Que atitudes poderiam ser reformuladas por cada um para atenuar qualquer forma de dominação no grupo familiar e especialmente nas relações do casal?
- Quais as pressões externas que pre-dispõem à dominação na família? Como reduzir os efeitos dessas pressões?
- Que dizer da dominação, frente às interpelações do Evangelho?

LORES DO CASAMENTO: INDISSOLUBILIDADE

té que a morte os separe

A indissolubilidade é uma vocação resistível do amor conjugal assumido em modo adulto.

E não há quem possa discordar: é um valor fundamental do casamento.

Mesmo os mais ferrenhos divorcistas sempre fizeram questão de reconhecer que a estabilidade da família é um valor e um bem para a sociedade.

Embora procurando legislar sobre as uniões que se desfazem, não se sentem certamente alegres cada vez que um casamento fracassa.

Mas a indissolubilidade de fato, não se estabelece por um passe de mágica, por um ato jurídico e nem mesmo por uma simples disposição, ainda que sincera, explicitada por palavras sussurradas diante do altar.



escreve o leitor

"... é grande a autenticidade cristã que vocês irradiam através da revista". **Vicente e Maria Imaculada Santos**, Vitória da Conquista — BA.

"... está cada vez melhor". **Fernando e Déa Soares**, Campo Grande — MT.

"Parabéns pela ótima apresentação gráfica e pelas reportagens e artigos. Está sendo muito bem recebida entre nós". **Pe. Lourildo Soares da Silva**, Cúria Diocesana de Campina Grande — PB.

"Muitos parabéns pela revista FATO". **Pe. Rolando Jalbert**, Centro de Orientação Familiar — Campinas — SP.

"Nossas palavras são de estímulo. Continuem". **Getúlio e Nilza e Loreci**, Carazinho — RS.

"Penso que uma revista como esta, será de grande valia na orientação segura de nossos casais cristãos. Que Deus abençoe mais esta iniciativa providencial do MFC". **D. Angelo Mugnol**, Bispo de Bagé — RS.

"... Daí o meu interesse pela revista que o MFC está lançando. Desejo muito êxito". **D. Cláudio Hummes**, Bispo de Santo André, SP.

"É uma revista de grande valor que leva a refletir sobre os problemas de nossa época". **Edmundo e Lenir Mainardi**, Uruguaiana — RS.

"A revista FATO está tendo uma aceitação fora do comum". **Otávio e An de Scramin**, Cambé — PR.

"A edição está ótima, com temas profundos para reflexão". **Salvador e Milda**, Barbacena — MG.

"Tem-nos ajudado muito e só temos recebido elogios". **Plínio e Nilma H dalgo**, Goiânia — GO.

"... excelente presente: o exemplar de 'FATO E RAZÃO'. Deus abençoe recompense e desenvolva nos caminhos da santidade, cada vez mais, o nosso querido e atuante MFC". **D. Manoel Edmilson da Cruz**, Bispo Auxiliar de Fortaleza — CE.

"... o nº 4 de FATO E RAZÃO está muito bom". **Frei Romeu Dale**, São Paulo — SP.

"... excelente apresentação e ótimo conteúdo para a pastoral familiar, uma das três prioridades pastorais de nossa Diocese de Juazeiro". **D. José Rodrigues**, Bispo de Juazeiro — BA.

"... é uma ótima revista, cujo conteúdo vem de encontro com as necessidades da Família". **João e Maria Inês Pezzo**, Oswaldo Cruz — SP.

"... será muito útil". **Astério e Eglantina Abreu**, Alagoinhas, BA.



doce de leite CCPL

Se já era delicioso o Doce de Leite CCPL imagine como ficou agora, ao se adicionar coco, chocolate e amendoim. Elaborado de leite pasteurizado, sempre cremoso e fresco o doce de leite CCPL é um alimento saudável, rico em vitaminas e proteínas.

UM PRODUTO
CCPL



COOPERATIVA CENTRAL DOS PRODUTORES DE LEITE LTDA.

uma delícia de sabores...

declaração dos direitos da criança
sobre o amor

um pouco de ternura

Guido e Isolda

"rango" — edgar vasques

divórcio, mula sem cabeça
e outros bichos

o programa dentro de
alguns séculos

as estruturas caem

vossa libertação está próxima

controle e alienação

o prazer de estar juntos

desenvolvimento e fé

democracia e desenvolvimento

o mundo do trabalho

fecundidade responsável

família e juventude

roteiro para reuniões e debates

deve haver uma resposta

será que pode ser diferente

quem sou eu

dou-lhe a minha palavra

ser fiel é

igualdade na diversidade

até que a morte nos separe

justiça e trabalho para todos

escreve o leitor

